HISTÓRIA POLÍTICA:

Cultura, trabalho e narrativas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena Editora
Ano 2022

HISTÓRIA POLÍTICA:

Cultura, trabalho e narrativas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena Editora
Ano 2022

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Bruno Oliveira
Camila Alves de Cremo
Luiza Alves Batista
Natália Sandrini de Azevedo
Imagens da capa
iStock
Edição de arte
Luiza Alves Batista

História política: cultura, trabalho e narrativas

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Willian Douglas Guilherme

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História política: cultura, trabalho e narrativas / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0664-8
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.648221909

1. Política - História. 2. Ciências sociais. I. Willian Douglas Guilherme (Organizador). II. Título.

CDD 320.9

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Atena Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Tenho o prazer de apresentar a obra “História política: Cultura, trabalho e narrativas” onde selecionamos quatro artigos para compor este trabalho.

Em um texto fascinante, Zamora apresenta parte da história do “jovem Ernesto Guevara de la Serna”, o Che Guevara, que aos 26 anos teria passado pelo México. Zamora demonstra como a passagem de Guevara pelo teria sido crucial para o seu destino revolucionário, ali, teria conhecido não somente a sua futura esposa, como o próprio Fidel Castro.

O texto de Guazzelli resgata uma parte importante da história do Brasil, a Guerra dos Farrapos, mostrando, por meio do estudo da obra “Netto perde sua alma” como a memória deste líder se mantém no ideário e imaginários regionais ainda hoje. É uma oportunidade de conhecermos um pouco mais da fascinante história do nosso país.

Moraes e Pabis trazem sua contribuição para a história da educação por meio das “lembranças históricas de um ex-aluno de uma escola rural”, onde perceberam que a população camponesa estudada ficou à margem da legislação educacional, sobretudo, anterior à promulgação da Constituição Federal de 1988.

Também sobre a história do Brasil, Pires, Machado e Melquiades apresentam um estudo que demonstra os planos dos EUA para dominação ideológica do Brasil. Partem do estudo da revista “Em Guarda” que seria uma espécie de chamariz para recrutamento para a Segunda Guerra Mundial.

Uma ótima leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

EL CHE GUEVARA EN MÉXICO

Data de aceite: 01/09/2022

Alejandro Sainz Zamora

RESUMEN: El paso por México del joven Ernesto Guevara de la Serna, con apenas 26 años, representará un periodo crucial que marcará el futuro de su vida. Durante un poco más de dos años de estancia en el país (18 de septiembre de 1954 al 25 de noviembre de 1956), se presentarán una serie de acontecimientos fundamentales: se reencontrará con Hilda Gadea, a quien había conocido en Guatemala y con la que más tarde se casará, procreando a su hija Hildita; de forma casual se reencontrará en la Ciudad de México con Antonio Ñico López (participante del ataque al Cuartel Moncada), quién lo contactará, primero con Raúl Castro y poco después con su hermano Fidel, para después enrolarse, ya como el Che Guevara, al grupo de expedicionarios que en noviembre de 1956 partirán a Cuba para iniciar la lucha revolucionaria.

GUATEMALA, LOS PROLEGÓMENOS

El segundo periplo de Ernesto Guevara por Latinoamérica inicia en julio de 1953 e incluye nueve países, entre ellos Bolivia, Perú, Ecuador, Panamá, Costa Rica, Nicaragua y El Salvador. El 20 de diciembre de ese año llega a Guatemala con el propósito principal de conocer de cerca el proceso político que vive esa nación a través de la reforma agraria, en la que el gobierno expropia alrededor de siete millones de hectáreas a la *United Fruit.*

Dos días después de su llegada al país centroamericano y por conducto del Ing. Juan Ángel Núñez, presidente del Instituto de Fomento de Producción de Guatemala, Ernesto conoce a la activista peruana Hilda Gadea Acosta, militante de la Alianza Popular Revolucionaria Americana (APRA), la cual jugará un papel fundamental en esta fase de su vida. De ese primer encuentro Gadea recuerda: *"Guevara me impresionó negativamente, pues yo pensaba, bastante a la ligera, que era demasiado bien parecido para ser inteligente…* [más tarde iniciaría] *entre nosotros una fraternal camaradería, comprendí que valía la pena ayudarlo, pues tenía condiciones para dar algo a la sociedad. Me contó de su enfermedad, el asma, que asomaba desde los tres años"* [1] De igual forma, el 27 de diciembre Ernesto conocerá a Antonio Ñico López, quién a la postre lo pondrá en contacto con los expedicionarios que partirían a Cuba.

Mientras tanto, la amistad de Ernesto con Hilda se va estrechando, se ven con mayor frecuencia para discutir sobre política y filosofía, asisten a actos políticos, van al cine y comentan sobre lecturas comunes. Al respecto, Gadea señala: *"ambos habíamos leído todas las novelas precursoras de la Revolución Rusa…*

1 Gadea, 2017, pp. 30-31

en cuanto a cultura general, habíamos leído casi lo mismo: los clásicos, los modernos, e incluso también nos gustaban las novelas de aventuras… Respecto a militancia política, [Ernesto] *me contó que había participado en algunas manifestaciones antiperonistas con su padre. En la universidad trabajó al lado de la Juventud Comunista por poco tiempo, pero se separó porque estaban muy alejados del pueblo. Había salido de la Argentina no por motivos políticos, sino para conocer a fondo los problemas de Latinoamérica"* [2]. En este sentido, afirma que "*fue a raíz de su aventura guatemalteca cuando comenzó a leer con profusión a Marx y Lenin y pronto poseyó una completa biblioteca marxista."* [3]

En enero de 1954 Hilda le presenta a Ernesto a un grupo de activistas cubanos, conociendo información sobre el ataque el ataque al Cuartel Moncada.

En marzo de ese año, Ernesto le escribe un poema a Hilda, años después ella comentará: "*No le demostré mayor entusiasmo, aunque me impresionó profundamente… El poema era corto, pero muy hermoso y fuerte. Me explicaba que no sólo quería belleza, sino camarada"* [4]. En una carta enviada a su madre en abril, Ernesto la menciona por primera vez la relación que tiene con ella.

En paralelo, el proceso interno del país se torna complicado, "*el 18 de junio, la Operación Éxito diseñada por la CIA se materializaba en la invasión del territorio guatemalteco desde la vecina Honduras por tropas mercenarias al mando del coronel Castillo Armas"* [5]. Más tarde se produce un golpe miliar y el presidente sale al exilio. A partir de este hecho, Ernesto escribirá su primer artículo político titulado: Yo vi la caída de Jacobo Árbenz. De acuerdo con David Atlee, en ese entonces jefe de la CIA en Guatemala, durante los días del golpe *"la agencia de espionaje norteamericana le abrió expediente a ese médico* argentino." [6]

Ante lo complicado de la situación política, Hilda recuerda: "*Ernesto me dijo que viajaría a México a trabajar un tiempo, y después a China. Trataba de convencerme diciéndome que en México nos íbamos a casar…había transcurrido una semana de los hechos violentos cuando una tarde pensé traer mi ropa y mis libros de la pensión... pero me detuvieron unos policías vestidos de civil y me preguntaron quién era… Fui llevada a Santa Teresa, la cárcel de mujeres"* [7]. Como una forma de presión para ser liberada, realiza una huelga de hambre, logrando su libertad el 28 de julio.

Un mes después, el gobierno argentino envía un avión militar a Guatemala para trasladar a los ciudadanos argentinos a su patria, Ernesto no acepta el ofrecimiento, prefiere arreglárselas por su cuenta y decide viajar a México. Antes de su partida le pide a Hilda que lo acompañase al tren. "*Al llegar a la estación de la ciudad de Guatemala para dirigirme a casa… fui interceptada por dos hombres… Me pidieron mis papeles y al identificarme, me*

---

2 *Ibid*, pp. 44-45
3 Giménez, 2015, p. 3
4 Gadea, *op. cit.* pp. 47 y 65-66
5 Huertas, 2015, p. 14
6 O´Donnell, 2003, p. 110
7 Gadea, *op. cit.* pp. 73, 80 y 83

dijeron que estaba detenida, que recogiera mis cosas porque me sacaban del país hacia México." [8]

MÉXICO, LA GRAN AVENTURA

En su último día en Guatemala, Ernesto escribe en su diario: *"inicio la gran aventura a México… Me junté de entrada con un buen muchacho guatemalteco, estudiante de ingeniero, se llama Julio Roberto Cáceres Valle* [El Patojo]*. El viaje hasta M*éxico lo hicimos juntos*"* [9]*.* Años después, Ernesto recordará a su amigo: *"Era de muy pequeña estatura, de físico más bien endeble; por ello le llamábamos El Patojo, modismo guatemalteco que significa pequeño, niño… El Patojo era varios años menor que yo, pero enseguida entablamos una amistad que fue duradera… juntos afrontamos el mismo problema, los dos sin dinero derrotados teniendo que ganarnos la vida en un medio indiferente cuando no hostil."* [10]

El 18 de septiembre de 1954, Ernesto Guevara con visa de turista (FM 5-599511) llega a Tapachula, Chiapas por vía férrea y tres días después a la Ciudad de México, donde al parecer, se hospeda en el Hotel Melchor Ocampo. En ese periodo, gobierna Adolfo Ruíz Cortines, al que se le recordará por llevar a cabo *"una política conservadora, el presidente priista ordenó una sorpresiva y brusca devaluación, que puso el dólar por las nubes con las inevitables consecuencias: fuga de capitales, obsesión por comprar dólares, caída de las reservas a la mitad, empobrecimiento de la clase "media", aumento de la pobreza."* [11]

Desde su llegada a México *"es sorprendente ver con qué constancia mantiene el contacto con los miembros de su tribu argentina. Con la madre, interlocutora privilegiada, con el padre, a quien escribe aparte porque sus padres están separados, con la tía Beatriz, con la inteligente Tita Infante, su amiga comunista"* [12]*.* Su primera carta fechada el 30 de septiembre, la dirige a la tía Beatriz, en la cual expresa: "*México, la ciudad, o mejor dicho el país de las mordidas, me ha recibido con toda la indiferencia de un gran animal, sin acariciarme ni enseñarme los dientes."* [13]

---

8 *Ibid,* pp. 73 y 80
9 Guevara E. 2001, p. 77
10 Guevara E. 2002. pp. 512-514
11 Medina, 2007, p. 84
12 Kalfon, 1997, p. 145
13 Citado por Anderson, 1997, p. 156



Imagen 1: Ciudad de México en los años 50

Falto de recursos económicos, Ernesto busca empleo, el cual "*va a surgir de una manera accidental, como todo en estos últimos años. El dueño de Foto Taller* [Rafael del Castillo Baena], *un refugiado español contará: "yo estaba establecido en la esquina de Morelos. Me lo mandó un amigo mío que tenía un negocio de fotografía en la calle de San Juan de Letrán… le di una cámara sin ningún compromiso. El día que tuviera dinero me la iría pagando como pudiera"* [14]. Así, junto con *El Patojo*, por las tardes y fines de semana se dedican a tomar fotografías en diversos parques públicos como Chapultepec y la Alameda Central.

En octubre Hilda es expulsada de Guatemala y pasa un corto tiempo en Tapachula, "*a los ocho días de estar en territorio mexicano me llegó una comunicación de la Secretaría de Gobernación, diciéndome que tenía el asilo político, lo que me permitía trasladarme a la capital"* [15]. Llegando a la Ciudad de México "*se lanza a la búsqueda de Ernesto, Tiene éxito. Se encuentran en el hotel Roma, cerca del cuchitril que él comparte"* [16] *con El Patojo.* En su diario, Ernesto comenta: "*me mudé a una pieza como la gente, en el centro de la ciudad* [calle de Bolívar] *por la que pago 100 pesos al mes. Tiene baño para nosotros dos y derechos a cocina"*. A las pocas semanas, Hilda se muda a una pensión en la calle de Reforma para compartirla con la poetisa y exilada venezolana Lucila Velázquez, cuyo

14 Citado por Taibo, 1996, p. 82
15 Gadea, op. *cit.,* p. 99
16 Cormier, 1997, p. 75

verdadero nombre era Olga Lucila Carmona Borjas, quienes meses después se mudan a la calle de Pachuca 108.

Por otra parte, *“también mejora la situación laboral de El Patojo, que, de repartidor a domicilio de las fotos de niños y fiestas, asciende a velador nocturno de la librería del Fondo de Cultura Económica. De vez en cuando Ernesto lo acompaña velando dentro de un saco de dormir en medio de la estantería y aprovechando para leer”* [17] . En dicha librería, donde se encuentran las oficinas de la editorial, Ricardo Rojo pone en contacto a Ernesto con su compatriota Arnaldo Orfila Reynal, relación que le permitirá tener *“unos ingresos como vendedor de libros a plazos y, por otra parte, gracias a ello devoró las más costosas ediciones sobre marxismo y leninismo, acompañadas de obras sobre estrategia militar, o la guerra civil española.”* [18]

A fines de año, Ernesto le escribe una carta a su madre en donde le cuenta: “*Mis planes inmediatos contemplan unos seis meses de permanencia en México que me interesa y me gusta mucho, y en ese tiempo pedir como de pasada la visa para conocer bien a los ‹hijos de la gran potencia›”* [19]. En diciembre escribe un pequeño ensayo:

El Dilema de Guatemala
(fragmento)

Cuando oí nuevamente la palabra ‹libertinaje› usada para calificar a Guatemala sentí temor por esa pequeña república. ¿Es que la resurrección del sueño de los latinoamericanos, encarnado en este país y en Bolivia, estará condenado a seguir en camino de sus antecesores? Aquí se plantea el dilema.

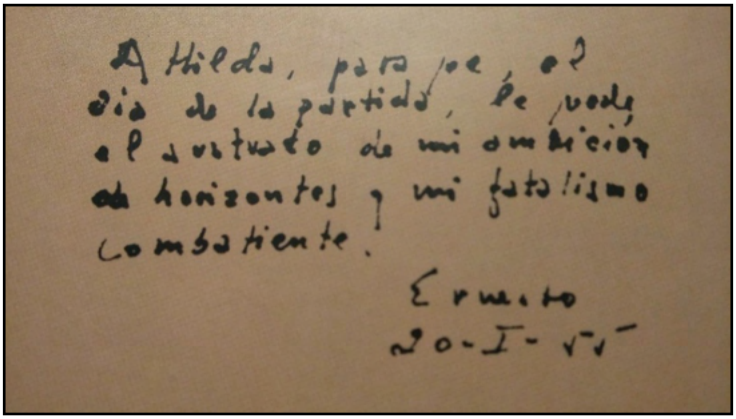
Durante sus primeros tres meses en México, Ernesto consigue trabajo, primero como fotógrafo y después como médico en el Pabellón 21 de Alergia del Hospital General, lo que le permite rentar una modesta vivienda y se vuelve a encontrar con Hilda.

UN VUELCO EN SU VIDA

Comienza el año de 1955, Ernesto e Hilda, con cierto distanciamiento siguen como amigos, “*para reconciliarse después de su ausencia en Año Nuevo,* [Ernesto] *le hizo un regalo tardío: un ejemplar en miniatura del clásico argentino Martín Fierro de José Hernández… Escribió una dedicatoria que a ella seguramente la exasperó por su ambivalencia, pero no obstante consideró una prueba de sus sentimientos. A Hilda, para que en el día de nuestra separación conserves el sentido de mi ambición de nuevos horizontes y mi fatalismo*

17 Taibo, op. *cit.,* pp. 83-85
18 Giménez, *op. cit.,* p. 40
19 Guevara E. 2001, *op. cit.* p 171

militante. Ernesto 20-1-55." [20]


A Hilda, para que, el día de la partida, te quede el sustituto de mi ambición de horizontes y mi fatalismo combatiente.

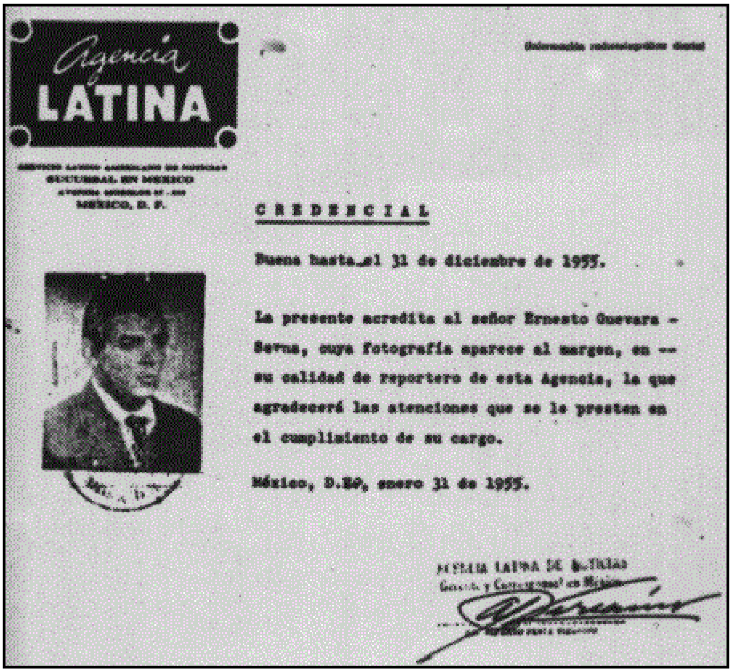
Ernesto
20-I-55

Imagen 2: Dedicatoria de Ernesto a Hilda en el libro Martín Fierro

El 19 de febrero Ernesto escribe a su padre y le explica sus intenciones: *"conseguir una beca para Francia, estarme un año allí y luego rumbear para la Cortisona* [países socialistas] *en la forma que pueda; y siempre el camarada Mao en el final de la etapa raidista, o casi en el final, pues India está en el itinerario. México está totalmente entregado a los yanquis, hasta el punto de que a la llegada de Nixon le metieron presos a todos los nacionalistas portorriqueños y otras yerbas, y los tienen secuestrados sin que se sepa dónde. La prensa no dice nada y está prohibido hablar a los diarios so pena de clausura. Es mucho más peligroso que la policía mexicana el F.B.I., que aquí anda como Pedro por su casa y hace detenciones tranquilamente. Ese es el panorama político, el económico es terrible, las cosas suben en forma alarmante y la descomposición es tal que todos los líderes obreros están comprados y hacen contratos leoninos con las diversas compañías yanquis hipotecando las huelgas por uno o dos años."* [21]

A fines de ese mes, Hilda y Ernesto hacen un viaje de fin de semana a Toluca y a principios de marzo éste conoce al doctor Alfonso Pérez, director de la filial mexicana de la Agencia Latina de Noticias, el cual lo invita a participar como reportero y fotógrafo en los II Juegos Panamericanos, realizados del 12 al 26 de marzo, teniendo como sede el Estadio de Ciudad Universitaria.

20 Citado por Anderson, op. *cit.,* p. 160
21 Citado por Guevara L. 1988, pp. 88-89



Agencia LATINA

MÉXICO, D. F.

CREDENCIAL

Buena hasta el 31 de diciembre de 1955.

La presente acredita al señor Ernesto Guevara - Serna, cuya fotografía aparece al margen, en -- su calidad de reportero de esta Agencia, la que agradecerá las atenciones que se le presten en el cumplimiento de su cargo.

México, D.F., enero 31 de 1955.

Imagen 3: Credencial de Agencia Latina

Ernesto apunta en su diario: "*mis proyectos son más simples: hasta marzo trabajo en alergia y presentar el trabajo; mayo, junio y julio viajar por México de norte a sur y de este a oeste; julio-agosto irme a Veracruz y quedarme hasta que consiga un barco para Cuba o Europa"* [22]. El 23 de abril, participa en el IX Congreso Nacional de Alergistas, realizado en León, presentando el trabajo: Investigación cutánea con antígenos alimentarios semidigeridos. Dicho trabajo será condición para que éste sea aceptado en el área de Alergia del Hospital General dirigido por el doctor Salazar Mayén y tiempo después, al parecer, como profesor asistente de Fisiología en la Facultad de Medicina. Por esos días, Hilda consigue un contrato temporal en la Comisión Económica para América Latina (Cepal) y Ernesto conoce a Laura Meneses de Albizu Campos y a Juan Juarbe, independentistas puertorriqueños.

En otro contexto, gracias a la presión internacional, el 15 de mayo el gobierno cubano establece la Ley de Amnistía que libera de prisión a Fidel Castro, a su hermano Raúl y a otros dieciocho moncadistas encarcelados. Ligado al tema de los cubanos, en junio Ernesto se encuentra en el Hospital General con Ñico, quien le comenta de los planes para liberar a Cuba. Por esos días, Hilda y Ernesto realizan un viaje a Cuernavaca para sellar su amor, a su regreso, éste se muda al departamento que Hilda comparte con Lucila.

El 17 de junio Ernesto envía una carta a su madre en la que comenta: "*mi vida extra*

22 Guevara E. 2001, o*p. cit.* p. 85

médica continúa en un monótono ritmo dominguero, jalonado por hazañas como la de subir al Popocatépetl (al fin le vi las amígdalas a la Pacha Mama), volcán tutelar de México que tiene 5400 metros; honestamente, para mí fue fácil y apasionante, y como veo que tengo las condiciones mínimas pienso repetir la hazaña en el pico más alto de México y el segundo de la América del Norte, el Orizaba." [23]



Imagen 4: Ernesto con escaladores en el Popocatépetl

El 24 de junio Raúl Castro llega a la Ciudad de México en calidad de exilado y se dirige al departamento de María Antonia González Rodríguez, donde conoce a Ernesto. De ese encuentro, Hilda recuerda, *"la conversación con Raúl fue muy interesante, a pesar de su poca edad –tenía veintitrés o veinticuatro años- y de su juvenil apariencia… Tenía gran fe en Fidel, no porque fuera su hermano, sino como dirigente político. Por eso intervino en el asalto al Moncada, pues estaba convencido de que, en Cuba, así como en gran parte de Latinoamérica ya no había que esperar la conquista del poder por las elecciones. Prometió traernos a Fidel cuando éste llegara a México, y desde entonces venía con Ernesto una vez por semana*. A fines de ese mes, Ernesto se muda al departamento que Hilda y Lucila comparten en la calle de Río Rin 42.

EL ENCUENTRO CON FIDEL

El 7 de julio, Fidel Castro ingresa como exiliado a Mérida, Yucatán, vuela después a Veracruz para finalmente llegar en autobús a la Ciudad de México para organizar la expedición a Cuba. Un día después, afirma Cormier [24], "*hacia las veintidós horas, en una noche fría, tiene lugar el encuentro de Fidel Castro con… Guevara. En el departamento de María Antonia... Allí en el 49* [departamento C] *de la calle Emparán, cerca de la plaza*

23 Guevara L. *op. cit.*, p. 100
24 Cormier, *op. cit.*, p.80

de la Revolución se presenta Fidel [y] *explica a su atento interlocutor que en Cuba existen doscientos mil bohíos* [chozas de adobe] *y que cuatrocientas mil familias, en las ciudades y en el campo, sobreviven hacinadas en tugurios insalubres, con un 90% de niños atacados por los parásitos… Solamente cerca del amanecer Fidel le confía su proyecto de armar un barco hacia Cuba".*

Sobre este trascendental encuentro, Ernesto anotará en su diario: "*un acontecimiento político es haber conocido a Fidel Castro, el revolucionario cubano, muchacho joven, inteligente, muy seguro de sí mismo y de extraordinaria audacia; creo que simpatizamos mutuamente"* [25]*.* Años más éste tarde, éste recordará aquel encuentro: "*lo conocí en una de esas frías noches de México, y recuerdo que nuestra primera discusión versó sobre política internacional. A las pocas horas de la misma noche –en la madrugada- era yo uno de los futuros expedicionarios"* [26]*.* Fidel hará lo mismo al recordar el encuentro: "*conocí al Che cuando salí de la prisión y marché a México; eso fue en el año 1955. Ya él había trabado contacto con algunos compañeros que estaban allá. Venía de Guatemala donde había conocido el drama de la intervención de la CIA y de Estados Unidos."* [27]



Imagen 5: Aspecto reciente del edificio de Amparán.

Durante esos días Ernesto y Raúl Castro "*se entrevistan varias veces, tanto en el nuevo hogar que Ernesto comparte con Hilda como en el departamento 29 en la calle Ramón Guzmán #6, donde el joven cubano se ha establecido"* [28]*. Por su parte, "una decena de moncadistas cubanos vivían en la capital mexicana. Varios de ellos ocupaban una*

25 Guevara E. 2001, *op. cit.* p. 87
26 Guevara E. 1964, p. 10
27 Citado por Ariet, 2010, pp. 57-58
28 Taibo, *op. cit.,* p. 92

pensión en la calle Gutenberg. Ñico López y Calixto García se alojaban en el céntrico Hotel Galveston. Todos se mantenían en contacto con la coordinadora extraoficial María Antonia González, en su apartamento." [29]

Para conmemorar el aniversario del ataque al Cuartel Moncada, el 26 de julio los cubanos organizan un acto en el Monumento a los Niños Héroes, en Chapultepec. Por la tarde Fidel ofrece una comida a sus compañeros, narra Gadea: *"Ernesto me contó que habían acordado publicar el Manifiesto de Fidel, mejor dicho, el discurso de defensa que hiciera en el juicio del Moncada, La Historia me absolverá. El documento sería la bandera de lucha. Era, pues, una reunión histórica, celebrábamos eso y el nacimiento del M-26 de Julio"* [30]. El 8 de agosto Arsacio "Kid" Vanegas, luchador profesional e impresor, amigo de María Antonia, acepta imprimir en su pequeño taller de la 2ª. Cerrada de Penitenciaría 27, dos mil copias del documento Manifiesto 1 del Movimiento Revolucionario, donde se dan a *"conocer sus objetivos y se exhorta al pueblo de Cuba combatir y rechazar las maniobras de la mayoría de los partidos politiqueros."* [31]

EL CASAMIENTO CON HILDA

A principios de agosto sucede una situación inesperada. Gadea se da cuenta *"que podía estar embarazada. A su regreso del hospital se lo dije… Teníamos decidido casarnos en la Embajada argentina. Sin embargo, Ernesto consiguió, por medio del colega alcalde del bello pueblecito de Tepotzotlán, la posibilidad de casarnos allí, sin más trámite que el certificado prenupcial y nuestros pasaportes… Ernesto me expresó que Fidel sería nuestro testigo. Después por razones de precaución con Inmigración, me dijo que mejor sería Raúl. El día fijado para el matrimonio fue el 18 de agosto, a los tres meses de nuestra ida a Cuernavaca, fecha que considerábamos nuestro verdadero matrimonio".* Ernesto no tarda en dar la noticia a sus suegros, en una carta señala: "*debo contarles de nuestros planes futuros con Hilda: esperamos que nazca Don Ernesto"* [32]. Ante el oficial del Registro Civil se lleva *a cabo el "acto matrimonial Núm. 39, folio Núm. 41 del Libro de Actas de 1955."* [33]

29 Anderson, *op. cit.*, p. 160
30 Gadea, *op. cit.,* pp. 126-127
31 Gálvez, 2002, pp. 357-358
32 *Ibid,* pp. 129-132
33 *Ibid.,* p. 360

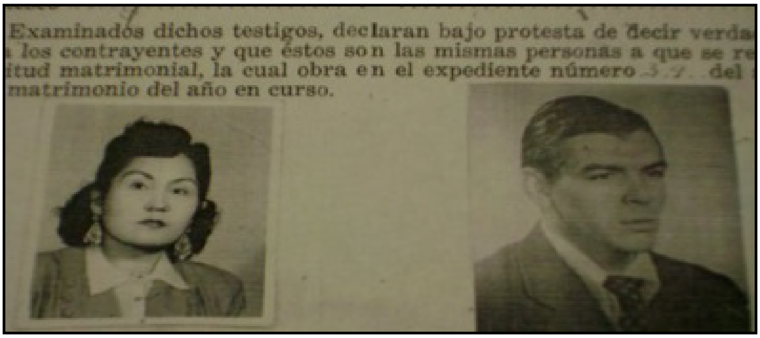

Examinados dichos testigos, declaran bajo protesta de decir verda
los contrayentes y que éstos son las mismas personas a que se re
itud matrimonial, la cual obra en el expediente número 39 del
matrimonio del año en curso.

Imagen 6: Acta de matrimonio de Hilda y Ernesto

De ese periodo, Hilda recuerda: “*durante los primeros días de casados, Ernesto estaba muy preocupado por una enferma del hospital a la que llamaba la Vieja María. Muy conmovido me contó que su estado era muy grave, con un asma aguda…Cierto día muy apenado me dijo que la Vieja María posiblemente no pasaba la noche. Se fue al hospital para estar cerca de su lecho, vigilándola, para hacer todo lo posible para salvarla. Esa noche murió ahogada por el asma… Para Ernesto era algo así como la representante, el vivo retrato de la clase más olvidada”.* [34]

La Vieja María
(fragmento)

Vieja María, vas a morir,
quiero hablarte en serio:

Escucha, abuela proletaria:
cree en el hombre que llega
cree en el futuro que nunca verás.

Descansa en paz, vieja María,
descansa en paz, vieja luchadora
tus nietos todos vivirán la aurora,
Lo juro

Hilda apunta: *“desde agosto del 55 se habían iniciado excursiones semanales al Iztacchihuatl y al Popocatépetl, picos de 5.280 y 5.450 metros de altitud, respectivamente, situados cerca de ciudad de México”* [35]. Sobre este hecho, Ernesto escribirá en su diario: “*como acontecimiento deportivo, debo señalar el ascenso al Popocatépetl, lado inferior por un grupo de esforzados andinistas improvisados, entre los que me encontraba. Es maravilloso y lo quiero repetir con alguna frecuencia.”* [36]

34 Gadea, o*p. cit.* pp. 135, 234-236
35 *Ibid,* p. 149
36 Guevara E. 2001, *op. cit.* p. 86

En septiembre, un golpe miliar apoyado por los sectores sociales más reaccionarios derroca al presidente argentino Juan Domingo Perón. Hilda recuerda el hecho: "*los cables traían las noticias de la posible caída de Perón, el ultimátum de la Marina, las manifestaciones del pueblo frente a la Casa Rosada. Discutimos mucho, acaloradamente, fueron varios días que pasamos pendientes de las noticias, cablegráficas y de la radio"* [37]. Sobre estos hechos, el 24 de septiembre Ernesto escribe una carta a su madre comentándole: "*toda la gente católica y de derecha que yo conocí en este país se mostraba también contenta, mis amigos y yo, no; todos seguimos con natural angustia la suerte del gobierno peronista y las amenazas de la flota de cañonear Buenos Aires.* [Casi entre líneas le pregunta] *"si han recibido la noticia protocolar de mi casamiento y la llegada del heredero, por carta de Beatriz parece que no. Si no es así, te comunico la nueva oficialmente, para que la repartas entre la familia; me casé con Hilda Gadea y tendremos un hijo."* [38]

Sobre su nuevo rol de esposo y próximo padre, el 7 de octubre Ernesto le escribe una carta a su tía Beatriz, en la cual le comparte: "*las noticias más importantes de orden afectivo ya las debés de saber por mamá; me casé y espero un Vladimiro Ernesto para dentro de un tiempo; obviamente, yo lo espero, pero mi mujer lo tendrá… A fin de mes me tomo unas vacaciones y nos vamos con Hilda a recorrer la zona devastada y las ruinas un poco más antiguas de los mayas"* [39]. Ese mes, señala Hilda, "*nos habíamos mudado de casa que compartíamos con Lucila a un departamento para nosotros solos, en la Colonia Juárez, Nápoles, 40"* [40] departamento 16.



Imagen 7: Aspecto reciente de la calle de Nápoles.

37 Gadea, *op. cit.,* pp. 135 y 141
38 Guevara E. *op. cit.* p. 173
39 Citado por Guevara L. *op. cit.* p. 114
40 Gadea, *op. cit.* pp. 136-137

El 23 de octubre Fidel inicia una gira por Estados Unidos, con la finalidad de conseguir adhesión de los cubanos radicados en ese país sobre su proyecto y apoyo económico para comprar armas. Poco después de su regreso a México, Fidel conoce a *"Antonio del Conde, rebautizado por los cubanos como El Cuate* [quién] *es el dueño de una pequeña armería en la calle Revillagigedo 47, en el centro de la ciudad de México y, cautivado por Fidel, comienza a suministrar armas a los cubanos… Finalmente, El Cuate se involucra más profundamente aún y ofrece a Fidel un sótano, donde se organizó un primer almacén."* [41]

Por su parte, Ernesto entra en una fuerte dinámica, *"vuelve a su domicilio conyugal agotado, al término de jornadas enloquecedoras en las que acumula, además de su preparación física, su trabajo en el hospital, sus investigaciones científicas, sus escritos de periodista político o sobre el mundo precolombino. Duerme cinco horas por noche. Se ha reducido considerablemente el tiempo de las interminables conversaciones con Hilda"* [42] . La misma Gadea recuerda que *"en esta nueva fase de su vida empezó a interesarse por los estudios de economía. Yo tenía algunos libros de Adam Smith, Ricardo, Keynes, Hansen y otros autores, sobre planificación económica, inversiones, ahorro, devaluación, inflación y otros temas. Cada semana se leía un libro y después cambiábamos impresiones… Además, leíamos muchos libros, especialmente novelas soviéticas: Así se forjó el acero, Todo un hombre, La defensa de Stalingrado… Durante esos meses enriquecimos nuestra pequeña colección de discos, conseguimos música de Beethoven, Schumann, Haydn, Mozart. A Ernesto le gustaba mucho leer con música clásica."* [43]

Al respecto, Taibo ahonda: Ernesto: "*estudia ruso en el Instituto de Relaciones Culturales México-URSS, lee muchos libros de economía, incluyendo el primer tomo del capital de Marx… largas caminatas. Viviendo casi todos ellos en el centro-sur de la ciudad, se citaba* [con sus compañeros cubanos] *en el cine Lindavista, a ocho o nueve kilómetros de sus casas de seguridad y de allí emprendían nuevas caminatas hacia Zacatenco… Vanegas no sólo dirige las caminatas y las subidas a los cerros, también les da entrenamiento en defensa personal en un gimnasio que ha alquilado en las calles de Bucareli… largas caminatas por la calle Insurgentes, ascensos al cerro de Zacatenco, al Chiquihuite o al Ajusco."* [44]

Bajo este ritmo estresante, Hilda comenta: *"tuvimos que esperar al mes de noviembre, en que me correspondían mis vacaciones, para efectuar nuestro viaje de bodas que no pudimos hacer oportunamente"* [45]. Sobre el viaje Ernesto anota en su diario: "*ya hice mi cacareada ronda circunvalaría por el sureste mexicano, alcanzando a cubrir superficialmente el área maya. Fuimos a Veracruz en tren, un viaje sin interés alguno. Boca del Río es una pequeña localidad de pescadores… Después de cinco días en Veracruz*

41 Taibo, *op. cit.,* pp. 107-108
42 Cormier, *op. cit.*, p. 892
43 Gadea, *op. cit.,* pp. 150-151
44 Taibo, *op. cit.,* pp. 104-105
45 Gadea, *op. cit.* p.142

fuimos en dirección sur en ómnibus. Pasamos primero la noche en el lago Catemaco… seguimos entonces para llegar a pasar la noche en Coatzacoalcos… y de allí nos fuimos en tren a Palenque, llegamos de noche a la estación y nos fuimos en jeep al hotel… Dejamos Palenque en la noche y nos fuimos en el ferrocarril del sureste hasta el pequeño puerto de Campeche… En dos horas de autobús estuvimos en Mérida… Las atracciones principales de Mérida son sus vecinas ciudades mayas en ruinas, de las que visitamos dos de los importantes centros como son Uxmal y Chichen-Itzá… ese mismo día por la noche nos embarcamos rumbo a Veracruz… Descansamos un día en Veracruz y nos largamos a México por el camino de Córdoba donde nos quedamos una hora para conocerla… Cerca de allí está Orizaba… A la salida de esta última, como una dependencia está Río Blanco, donde se produjo una histórica masacre de obreros que reclamaban por la explotación de una compañía yanqui." [46]

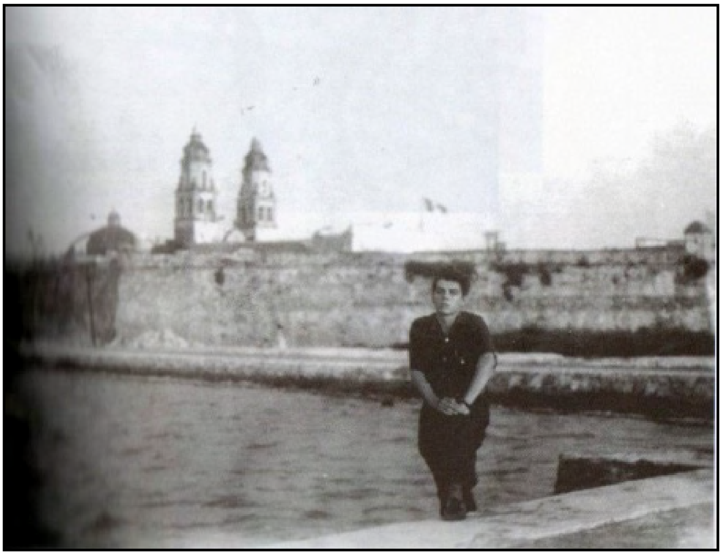


Imagen 8: Viaje de bodas, Ernesto en Campeche

De ese viaje por el sureste de México, Ernesto escribe un poema:

Palenque
(fragmento)

Algo queda vivo en tu piedra,
hermana de las verdes alboradas
tu silencio
escandaliza las tumbas reales.

46 Guevara E. 2001, op*. cit.* pp. 88-94

Ya para finalizar el año, el 15 de diciembre Ernesto escribe una carta a su tía Beatriz, en la que le comenta: "*yo sigo mi vida, la aburrida y nuevamente estudiantil vida de todos los días, amenizada sólo por los esporádicos viajes a los volcanes, uno de los cuales, el Ixtaciuatl (la mujer dormida, en el idioma vernáculo) fue testigo de mi derrota, pues la nieve, el viento huracanado, los aludes terribles que pasaban anunciando horrible muerte, y un poquito de cagaso (una puntita, como para dar sabor no más) impidieron a la valerosa columna llegar a los frígidos pechos de la bella durmiente*" [47]. Sobre sus intenciones de participar en la guerrilla en Cuba, no comenta nada, ni a ella ni a sus padres.

El año de 1955 traerá para Ernesto Guevara varios hechos que darán a su vida un fuerte viraje: conseguirá un trabajo más estable ligado a su profesión de médico; "asentará cabeza" a través de su matrimonio con Hilda Gadea, con lo que dejará a un lado su alma de joven explorador y algo trascendental será el contacto con los combatientes cubanos, conocer a Fidel Castro y ser aceptado como miembro de grupo expedicionario que combatirá en Cuba.

PREPARACIÓN PARA LA FUTURA EXPEDICIÓN

Comienza el año de 1956 y continúan los preparativos para el desembarco en Cuba. *Al respecto* Kalfon señala: *"el M-26 envía unos cuarenta hombres elegidos a dedo que, uniéndose a los que están ya en México, constituyen una pequeña tropa de sesenta mocetones a los que se trata de transformar en endurecidos combatientes. Se alquilan seis pequeñas casas donde se impone un régimen cuartelario, tan monástico como compartimentado. Estudios de ‹temas militares o revolucionarios›, salidas vigiladas, siempre en pareja, comidas a horas fijas. Nada de alcohol, nada de llamadas telefónicas."* [48]

El 8 de enero, Ernesto, en una carta dirigida a su madre, comenta: "*sigo con la esperanza de acabar este año un par, o un par de pares de trabajos científicos o seudocientíficos por lo menos. Estoy fuerte, optimista, subo frecuentemente a los volcanes, voy frecuentemente a visitar ruinas, leo frecuentemente a San Carlos* [Marx] *y sus discípulos, sueño con ir a estudiar la cortisona* [Unión Soviética]… *El crío nace en la última semana de febrero. Después de marzo (congreso de alergia) decido mi vida en el año administrativo 56-57."* [49]

Ernesto sigue sin comentar nada sobre sus proyectos políticos. De esto solo lo sabe Hilda: "*Ernesto me confió que en enero empezaría la preparación para el viaje a Cuba. Por aquel entonces no se conocía en qué barco sería la travesía desde las costas mexicanas a las playas de Cuba… al terminal en el hospital, a eso de las dos de la tarde, se iba con los cubanos a un gimnasio para practicar lucha, basketball, fulbito, etc. Al principio llegaba a casa todo adolorido y tenía que darle masajes con alimentos y frotaciones, de los que usan*

47 Citado por Guevara L. 2001, *op. cit.,* p. 121
48 Kalfon, *op. cit.*, p. 163
49 Citado por Guevara L. o*p. cit.* pp. 122 y 125

los atletas. De esa manera comenzaron los preparativos para [la expedición]*, luego me diría: después iremos a un campo para prepararnos en el terreno, s*ólo cuando terminemos ese entrenamiento podremos ir a los barcos*… Además de entrenarse por la tarde, se reunían por las noches en una especie de círculos políticos para estudiar algunas obras marxistas y discutían los problemas de Cuba y de Latinoamérica"* [50]*.* Éste *"sigue trabajando en el hospital, se las arregla para acompañar cuando puede a sus nuevos compañeros en sus sesiones de entrenamiento físico: largas marchas –está acostumbrado- por la extensa avenida Insurgentes que atraviesa la ciudad a lo largo de cuarenta kilómetros; horas y horas de remos en el lago del parque de Chapultepec; aprendizaje de combate cuerpo a cuerpo en un gimnasio amigo."* [51]

Durante todo el proceso de preparación militar, *"una figura clave para concretar los planes de Fidel es un tuerto singular, que ha perdido su ojo en combate, Alberto Bayo, ex coronel del ejército republicano español exiliado en México* [había escrito el libro "750 preguntas a un guerrillero"]*. Fidel había tomado contacto con él desde 1955. Bayo le ofrece, al conocer los planes del revolucionario cubano, darles una serie de conferencias sobre la guerra de guerrillas. Fidel no sólo le toma la palabra, sino que lo empuja más allá, recordándole a Bayo que él también es de origen cubano, y le pide que entrene al grupo que habrá de integrarse."* [52]

Huertas afirma que "*Bayo quiso que adquirieran conciencia desde el primer día de que la empresa que iban a emprender resultaba descomunal. Después de exponerles que su misión consistía en derrotar a un ejército regular compuesto por 70.000 hombres, una división blindada, en Marina de guerra en formación y un centenar de aviones, entre combate y trasporte, le planteó fríamente que su cometido no era para valientes sino para gigantes heroicos,"* [53]

En febrero los entrenamientos aumentan de intensidad y *"adquieren un matiz de riesgo y seriedad, Fidel consigue permiso para que él y sus hombres practiquen en un campo de tiro llamado Los Gamitos, en las afuera de la ciudad de México"* [54]*.* El 9 de ese mes Ernesto escribe una carta a su padre, en ella le comenta: *"sería magnífico que la vieja pudiese sacarse el entripado y venir a conocer al nieto, junto con nuera y todo, y sería mejor todavía que lo hiciera rápido, para que pueda ser en México, que es un país que vale la pena conocer, pues hay muchas probabilidades de que el próximo año no estemos aquí"* [55]*.* Implícitamente, Ernesto anticipa un nuevo cambio de residencia, sin que los padres imaginen la poderosa razón.

Por otra parte, el 12 de febrero llegan nuevos fidelistas al puerto de Veracruz, Juan Almeida, Antonio López e Israel Cabrera, llegando a ser medio centenar.

---

50 Gadea, *op. cit.*, pp. 148-149 y 153
51 Kalfon, *op. cit.* p. 164
52 Taibo, *op. cit.,* p. 107
53 Huertas, *op. cit.,* pp. 177-178
54 Taibo, *op. cit.* p. 105
55 Citado por Guevara L. *op. cit.,* p. 126

EL NACIMIENTO DE HILDITA

En medio de esa vorágine, el 14 de febrero, *"Ernesto e Hilda se mudaron a un apartamento más grande en otro piso del mismo edificio de la calle Nápoles. Aquella misma noche, Hilda se puso de parto y dio a luz al día siguiente"* [56]. Hilda lo recuerda: "*me llevó al Sanatorio Inglés* [calle Víctor Hugo 78], *y en la noche, como a las diecinueve horas del 15 nació la niña… Le puso Hilda por mí y Beatriz por una tía a quien quería muchísimo… Al tercer día me llevó a casa, y esa misma noche recibimos la visita de Fidel. Fue la primera visita que recibió Hildita."* [57]

El nacimiento de su primer hijo representó para Ernesto un acontecimiento muy importante, en su diario consignará: "*desde el 15 de febrero de 1956 soy padre: Hilda Beatriz Guevara es la primogénita"* [58]. En su honor le escribe un poema:

El pétalo más profundo del amor
(fragmento)

Su tallo más vigoroso
tuvo corteza argentina
y la firmeza del tronco
era de montaña andina.

Perú le dio su raza
suave, fina, piel morena
y México con su tierra
la dejó de gracia llena.

Días después, el 25 de febrero, en una carta le da la buena nueva a su madre de que ahora es abuela. La llegada de Hildita no detiene el proyecto de Ernesto, quién sigue concentrado en su preparación militar. El 17 de marzo, Sánchez, instructor de tiro en el campamento de Chalco escribe un reporte sobre la actuación de Guevara en el polígono de tiro: *"asistió a 20 clases regulares de tiro, un excelente tirador con aproximadamente 650 proyectiles (disparos). Disciplina excelente, capacidad de liderazgo excelente, resistencia física excelente. Algunas amonestaciones disciplinarias por pequeños errores en la interpretación de órdenes y leves sonrisas."* [59]

Ante su nueva responsabilidad como papá, Ernesto junto con sus compañeros, continúan con arduas tareas de preparación física. *"El entrenamiento lo inician con largas marchas por la inmensa urbe, también reman en el lago de Chapultepec. El recorrido es por parejas y parten del Monumento a la Revolución Mexicana, en el centro de la Plaza de la República. De allí toman hacia Paseo de la Reforma y las avenidas de los Insurgentes y*

56 Anderson*, op. cit.* p. 179
57 Gadea, op*. cit.,* p. 156
58 Guevara E. 2001, *op. cit.* p. 95
59 Citado por Anderson, *op. cit.,* p. 181

de Juárez"[60], también asisten a un gimnasio ubicado en la calle de *Bucareli* 18 para recibir entrenamiento por parte del luchador mexicano Dick Medrano (Avelino Hernández Palomo) esposo de María Antonia, asimismo, inician recorridos al cerro del Chiquihuite partiendo desde el cine Lindavista, en la Avenida Insurgentes Norte.



Imagen 9: Ernesto remando en el lago de Chapultepec

ERNESTO SE CONVIERTE EN EL CHE

En las memorias de Bayo asienta *"que la voluntad obsesiva de Ernesto de hacerlo todo bien, de superarse, de nunca fallar, la abrumadora competencia consigo mismo y con sus límites, lo convirtió en el "número uno de la promoción y tuvo nota máxima… Y es en esos días que definitivamente el doctor Ernesto Guevara, reclutado como médico de la expedición, se vuelve El Che"* [61]*.* Años más tarde, éste confesaría*: ‹Para mí, "Che" significa lo más importante, lo más querido de mi propia vida. ¿Cómo no gustarme? Todo lo anterior, el nombre y el apellido son cosas pequeñas, personales, insignificantes."* [62]

El Che continúa con sus labores de milicia, en tres meses, el coronel Bayo "*les enseñó la teoría y la práctica de la guerrilla: tirar con pistola, rifle y ametralladora; fabricar bombas para destruir tanques y volar barricadas; captar y derribar aviones; camuflarse y esconderse; transportar y atender heridos; atravesar la selva sin ser descubiertos"* [63]. Bayo y el Che, refiere Anderson*, "encabezan excursiones y marchas nocturnas que se prolongaban desde el crepúsculo hasta el amanecer. Cuando no avanzaban con dificultad a través de la maleza, realizaban simulacros de combate y montaban guardia."* [64]

60 Gálvez, *op. cit.* p. 387
61 Taibo, *op. cit.,* pp. 109-110
62 Citado por Salgado, 1970, pp. 90-91
63 *Ibid,* p. 90
64 Anderson, *op. cit.,* p. 184

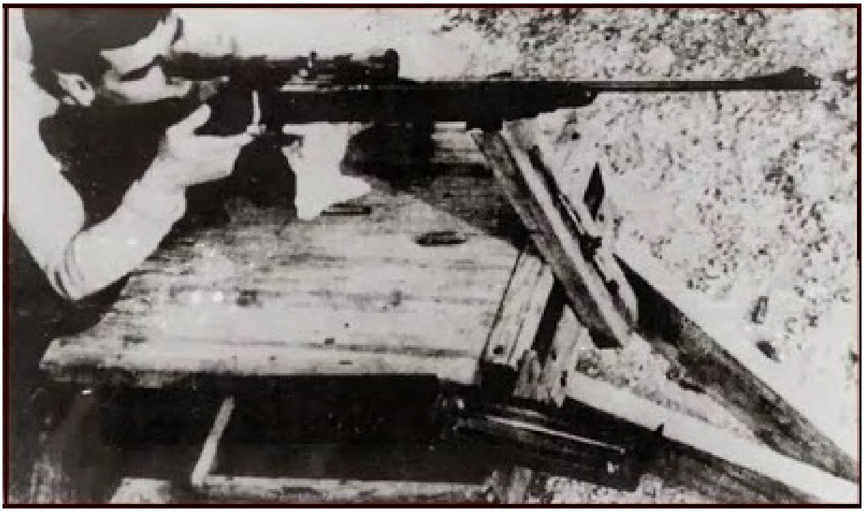


Imagen 10: El Che practicando tiro en el rancho Santa Rosa

Durante los siguientes meses el Che redacta varias cartas dirigidas a sus padres en la que muestra su convicción marxista y deja latente su interés por ir a Cuba:

Abril 13: "*Pasaré entonces a hablar de la chamaca* [Hildita]*: estoy muy contento con ella; mi alma comunista se expande pletórica; ha salido igualita a Mao Tsé Tung".*

Mayo 9: "*El paso siguiente puede ser E.E.U.U. (muy difícil), Venezuela (factible) o Cuba (probable). Pero mi meta irrenunciable sigue siendo Paris."* [65]

En la segunda quincena de mayo, el Che renuncia a su cargo de médico en el Hospital General y se concentra casi exclusivamente en los entrenamientos. Al respecto recuerda Gadea: *"Ernesto me dijo que se iba de campo, que necesitaban pasar un campamento en cierto lugar y que de allí probablemente partirían hacia Cuba, aunque ignoraba la fecha. Me prometió que haría lo posible por comunicarse conmigo."* [66]

Después de la fase de preparación en Los Gamitos, el Che y varios de sus compañeros se trasladan al rancho Santa Rosa (16 km de largo por 9 km de ancho), ubicado en el poblado de Ayapango, a 3 km de Chalco, Estado de México. El excoronel Bayo funge como jefe del campamento, impartiendo las clases teóricas, el *coreano* dirige las prácticas y el Che como el médico del grupo.

El programa de entrenamiento era muy extenuante y constaba de *"dos campamentos en la montaña, a cinco y diez kilómetros respectivamente del rancho, allí pernoctarán el tiempo que duren las clases… Luego del tiro, realizan las marchas diurnas, de cinco o seis kilómetros, que se extenderán a ocho o nueve, con bastante peso en las mochilas, el fusil 250 tiros y cantimplora. La última etapa es de noche hasta el amanecer. El recorrido deben hacerlo orientándose por brújula, en silencio, sin fumar; en algunos tramos hay que*

65 Citado por Guevara L. 2001, *op. cit.,* pp. 92-96, 128 y 130
66 Gadea, op. *cit.,* p. 160

valerse de sogas para caminar en una total oscuridad y pasar farallones, en otros avanzan a rastras, o marcha forzada. Algunas noches duermen al aire libre y hacen las guaridas con temperatura a punto de congelación.” [67]

De entre todas sus actividades, Ernesto *“consolidaba sus conocimientos sobre marxismo. Resumió sus viejos cuadernos filosóficos en un solo tomo. El último cuaderno filosófico, de algo más de trescientas páginas mecanografiadas, refleja la concentración de sus intereses y el estudio profundo de Marx, Engels y Lenin.”* [68]

EL CHE ES APRESADO

El 20 de junio por la noche, la historia dará un giro inesperado, *Fidel se encuentra en una de las casas de seguridad de Kepler* [26] *“acompañado por Ramiro Valdés, Cándido González y Universo Sánchez; en la casa se encuentra Ciro Redondo y media docena de reclutas más. De repente, los cubanos descubren, a través de la ventana, que unos sujetos extraños están revisando el carro de Ciro* [*un Packard verde con placas de Miami*]*… Oliéndose lo peor, Fidel divide al grupo, sale caminando con Universo y Ramiro, pero varias cuadras más adelante son asaltados por la policía; Fidel trata de oponer resistencia y saca la pistola, pero al ver que los policías armados usan como escudo a Universo y Ramiro, se rinde.*

La investigación en esta etapa se encuentra a cargo de Fernando Gutiérrez Barrios, un ex capitán del ejército mexicano de menos de 30 años, jefe de Control e Información de la Dirección Federal de Seguridad, de la Secretaría de Gobernación, quién recordará: “*en el carro encontramos un plano que de momento no nos decía nada… comenzamos a estudiarlo y encontramos un lugar que suponíamos que podía visitar.”* [69]

A partir del plano confiscado, *el 24 de junio*, una caravana de automóviles de la policía acompañados por Fidel llegan a Chalco alrededor de las seis de la tarde. Calixto García, quién se encontraba dentro del rancho recuerda: “*cuando llega la Federal estaba oscuro, de buenas a primeras sentimos ruidos y toamos precauciones para fajarnos con ellos; entonces se escucha la voz del Comandante en Jefe, que dijo: ¡Salgan todos¡ Explicada la situación, los federales ocupan el rancho y los pocos equipos militares que allí se encuentran; los detenidos son trece, encabezados por Ernesto”*[70]*.* El delator, apunta O´Donnell [71], había sido Evaristo Venéreo.

Al otro día de la captura en el Rancho Santa Rosa, Gadea recuerda que los periódicos *“a grandes titulares, hablaban de que un grupo de veinte o veintiún cubanos habían sido apresados, entre ellos un médico argentino, Ernesto Guevara. Haciendo fantásticas elucubraciones afirmaban que era un complot internacional… La Embajada argentina hizo*

67 Gálvez, *op. cit.* p. 396
68 Anderson, op*. cit.*, p. 180
69 Citado por Gálvez, op. cit. p. 402
70 *Ibid,* p. 404
71 O´Donnell, op*. cit.,* p. 119

las averiguaciones pertinentes, comunicándome que Ernesto estaba en la cárcel de Miguel Schultz [136]… *De inmediato fui a la cárcel, llevándole ropa limpia y comida. La primera semana no nos dejaron verlos, pero desde la siguiente pudimos visitarlos los jueves y domingos.”* [72]



Imagen 11: El Che en la cárcel de seguridad de Miguel Schultz

De esta fotografía *“resalta el traje blanco del Che tendido en la primera fila como portero de futbol, la sonrisa blanquísima de Almeida y la actitud orgullosa de María Antonia, en el centro del grupo, con lentes oscuros y una pequeña bandera cubana. Fidel, siempre de traje, con bigote recortado, de nuevo el pelo muy corto, apoya la mano en la espalda de Almeida.”* [73]

En una de las primeras visitas de Hilda a la prisión, el Che le entrega el borrador de un malogrado poema:

Canto a Fidel
(fragmento)

Vámonos,
ardiente profeta de la aurora,
por recónditos senderos inalámbricos
a liberar el verde caimán que tanto amas.

Vámonos,
derrotando afrentas con la frente
plena de martianas estrellas insurrectas,
juremos lograr el triunfo o encontrar la muerte.

72 Gadea, *op. cit,* pp. 168-169
73 Taibo, *op. cit.,* p. 114

El 30 de junio, Ulises Petit de Murat, un escritor argentino exilado en México escribe una carta al padre del Che, comentándole sobre la situación de su hijo: "*postergué esta carta hasta entrevistarme con tu hijo. Estuve en la cárcel de migración. Allí reside en compa*ñía de sus amigos cubanos de la fallida aventura anti-Batista. Desde luego el hijo de perra de Batista (como todos los militares) tiene a su disposición grandes recursos… Pero México no entregará a los conspiradores cubanos a Cuba. Eso es más que seguro…Te hablaré de Ernesto personalmente. Está muy bie*n de salud, su mujer e hijita son muy simpáticas, y la mujer, extraordinariamente animosa. Me recibió Ernesto a las risotadas, lee mucho y toma gran cantidad de sol en el patio de la cárcel. No quiere que se haga nada especial por él. Su actitud moral –esté uno o no de acuerdo con sus ideales- es estupenda."* [74]

Sobre la captura del Che, recuerda Hilda que él *"me contó que la policía sabía ya dónde estaban, posiblemente por los espías batistianos que trataban de seguirlos en todo momento. Hasta tenían fotos del rancho donde entrenaban, que enseñaron a Fidel, y estaban dispuestos a asaltar el rancho. Por tanto, Fidel tuvo que aceptar llevar a la policía hasta el lugar, en Chalco… Ernesto comentó: No hay duda de que aquí está metido el FBI para defender a Batista, que representa para ellos el dominio sobre los centrales azucareros y el comercio con la isla. A los mexicanos no les puede interesar tanto perseguir a los cubanos revolucionarios, máxime que ellos hicieron una revolución y saben lo que es tomar las armas.*

Cuando fui a visitarlos, me encontré con la sorpresa de que las condiciones de Fidel fueron aceptadas por las autoridades, y que él con dieciocho más estaban en libertad. Sólo quedaban Ernesto y Calixto García, que no tenían sus papeles en orden. La tentativa de huelga de hambre dio su resultado positivo, y si no estaban todos libres era solamente por asuntos legales… Ernesto le propuso a Fidel seguir adelante con los planes, que no se detuvieran por culpa suya, pero Fidel expresó que lo esperaría y que además haría todo lo posible para liberarlo." [75]

Tal como suponía el Che, el FBI estaba metido en esto. Así, *"según fuentes de la Dirección Federal de Seguridad, el cabecilla principal era nada menos que el médico argentino Ernesto Guevara de la Serna… vínculo principal entre los conspiradores cubanos y ciertas organizaciones comunistas de naturaleza internacional."* [76]

Este argumento lo respaldan Ratner y Smith al señalar que "*el arresto de Guevara aparece anotado en un documento de los Estados Unidos que dice que fue "arrestado en México en relación con el complot de Fidel Castro contra el presidente Batista de Cuba"* [77]. En dicho documento del FBI, se afirma que: "*a su llegada a México, después de haber sido expulsado de Guatemala después de la caída del gobierno de Arbenz, Guevara se convirtió*

74 Citado por Guevara L. *op. cit.,* pp. 138-139
75 Gadea, op. *cit.,* pp. 170 y 174
76 Anderson, *op. cit.,* p. 186
77 Ratner y Smith, 2000, p. 58

en un protegido de Vicente Lombardo Toledano, quien lo aceptó como miembro activo del Partido Popular" [78] Socialista (PPS).

En tanto el Che permanece en prisión, su padre recuerda: "*llegó el mes de julio del año 1956. Las cartas anteriores ya no decían nada importante. Después supimos que Ernesto estaba muy ocupado y poco o nada podía escribir. Nosotros estábamos bastante despistados y todavía creíamos en las ocupaciones con que Ernesto nos entretenía… Supimos que Ernesto y algunos compañeros decidieron iniciar una huelga de hambre ni bien entraron en la cárcel. Todas estas noticias nos tenían muy preocupados. Acabábamos de enterarnos de su decisión con respecto a la revolución cubana y comenzábamos a darnos cuenta de que todas aquellas noticias sobre posibles cátedras o trabajos eran simplemente una cortina de humo para despistarnos y despistar a los servicios de información mexicanos, y especialmente a los norteamericanos, que estaban a la pesca de cualquier hilo para frustrar toda tentativa de invasión a la isla de Cuba."* [79]

En este contexto y desde la cárcel de seguridad, el 6 de julio Ernesto escribe una carta a su padre donde por primera vez le revela la situación imperante: *"hace un tiempo, bastante tiempo ya, un joven líder cubano me invitó a ingresar a su movimiento, movimiento que era de liberación armada de su tierra, y yo, por supuesto acepté. Dedicado a la ocupación de preparar físicamente a la muchachada que algún día debe poner los pies en Cuba, pasé los últimos meses manteniéndolos con la mentira de mi cargo de profesor. El 21 de junio (cuando hacía un mes que faltaba a mi casa en México pues estaba en un rancho de las fueras) cayó preso Fidel con un grupo de compañeros y en la casa figuraba la dirección donde estábamos nosotros, de manera que caímos todos en la redada. Yo tenía mis documentos que me acreditaban como estudiante de ruso, lo que fue suficiente para que se me considerara eslabón importante en la organización, y las agencias de noticias amigas de papá empezaron a bramar por todo el mundo. Eso es una síntesis de los acontecimientos pasados; los futuros se dividen en dos: los mediatos y los inmediatos. De los mediatos, les diré, mi futuro está ligado a la revolución cubana. O triunfo con esta o muero allá… Si por cualquier causa no puedo escribir más y luego me toca las de perder consideren estas líneas como de despedida, no muy grandilocuente pero sincera."* [80]

El tiempo sigue su marcha y gracias a la intervención directa del expresidente Lázaro Cárdenas, *"el 9 de julio, liberan a 20 detenidos con una fórmula extraña: invitados a abandonar el país en vista de que violaron su condición migratoria. Quedan en libertad vigilada Universo Sánchez, Ciro Redondo, el hijo del coronel Bayo y varios más con la simple obligación de ir a firmar una vez por semana y permanecen encarcelados tan sólo Fidel, Ernesto Guevara y Calixto García"* [81]*.* Años después, Cárdenas escribiría: "*saludé al señor presidente Ruiz Cortines, en su despacho de Los Pinos… Al final le transmití la solicitud*

78 *Ibid,* p. 49
79 Guevara L., *op. cit.*, pp. 134-135
80 Citado por Guevara L. *op cit.* pp. 136-137
81 Taibo, *op. cit.,* p. 115

de un grupo de cubanos que, con el doctor Fidel Castro Ruz, fueron detenidos varios días por la policía y notificados que deberían marcharse del país quince días después, en cuya solicitud piden que al gobierno de México se les conceda su permanencia por carecer de relaciones para que se les admita en otros países. El señor presidente tuvo a bien acordar se les dé el asilo que piden." [82]

Al igual que lo había hecho con su padre, una semana después, el 15 de julio, Guevara escribe a su madre -firmando por primera vez como El Che-, para informarle sobre la realidad de su situación: *"respecto a la huelga de hambre… dos veces la comenzamos, a la primera soltaron a 21 de los 24 detenidos, a la segunda anunciaron que soltarían a Fidel Castro, el jefe del Movimiento, eso sería mañana, de producirse como lo anunciaron, quedaríamos en la cárcel sólo dos personas. No quiero que creas, como insinúa Hilda, que los dos que quedamos somos los sacrificados, somos simplemente los que tienen los papeles en [malas] condiciones y por eso no podemos valernos de los recursos que usaron nuestros compañeros… Además, es cierto que después de deshacer entuertos en Cuba me iré a otro lado cualquiera y es cierto también que encerrado en el cuadro de una oficina burocrática o en una clínica de enfermedades alérgicas estaría jodido… Tu hijo, El Che."* [83]

Siguiendo con su comunicación epistolar, el 20 de julio el Che escribe una carta a su tía Beatriz, sin comentarle nada sobre los acontecimientos políticos, para distraerla le dice que piensa "*ir de nuevo al Popocatépetl como entrenamiento para atacar el pico de Orizaba en septiembre pues éste ya exige cierto grado de pericia y resistencia."* [84]

El 24 de julio y tras dos huelgas de hambre, Fidel sale de prisión, "*había llegado a algún tipo de acuerdo con el funcionario policial mexicano de veintisiete años, dos menores que él. Aunque ni Gutiérrez Barrios ni Fidel jamás divulgaron los detalles del pacto, es evidente que la ayuda del mexicano fue clave para la liberación posterior de Castro."* [85]

El 31 de julio, después de 37 días en prisión, el Che y Calixto abandonan la cárcel. En una de sus declaraciones ante las autoridades, a diferencia de lo que había declarado Fidel, ser un "*patriota reformista en la mejor tradición occidental, nacionalista y demócrata, el Che se explayaba sobre sus convicciones marxistas…* [Esas declaraciones] *eran extraordinariamente temerarias porque brindaban a los enemigos de Fidel las armas que necesitaban."* [86]

Taibo señala que "*a lo largo de estos últimos meses se producen varias entrevistas clave, que definen las relaciones de los futuros invasores con las fuerzas sociales opositoras en el interior del país… La primera y quizá la más importante, sucede en los primeros días de agosto, recién salido Fidel de la cárcel, cuando Frank País, un joven maestro de escuela y el hombre clave en la organización revolucionaria en el oriente cubano se entrevista por*

82 Citado por Medina, *op. cit.,* p. 94
83 Guevara E. 2001, op*. cit.,* pp. 177-178
84 Citado por Guevara L. *op. cit.,* p. 108
85 Anderson, *op. cit.,* p. 188
86 *Ibid,* pp. 187-188

primera vez con Fidel… Es también [el 30 de] *agosto que Fidel se entrevista con la otra figura central de la oposición de la izquierda democrática, el dirigente estudiantil y del Directorio Revolucionario, José Antonio Echeverría, en la Ciudad de México se firma entre ambos una carta común y se traza un pacto de coordinación revolucionaria”* [87] denominada Carta de México.

SE ACELERAN LOS PREPARATIVOS

Una vez liberado el Che, recuerda Hilda: “*se dedicó a arreglar sus papeles, a contestar la correspondencia que le había llegado y a escribir a la familia de Buenos Aires. Así pasó tres días en casa. Alistó sus cosas y se despidió, prometiéndome que estaría en contacto conmigo... A la primera semana de ausencia me envió un papel, con un compañero, Aldama, indicándome que fuese con la niña a Cuautla… al comprobar que la discreción había hecho que la policía les perdiera el rastro, adquirieron mayor confianza… empezó a volver a casa los fines de semana. Salíamos a pasear al Bosque de Chapultepec, nos quedábamos en casa o íbamos al cine o al teatro… Uno de esos fines de semana trajo una serie de apuntes con recomendaciones e instrucciones para atender heridos en caso de urgencia… Me explicó que, aunque él iría como médico de la expedición, combatiría, y que era imprescindible enseñar a algunos compañeros, especialmente lo que tuviesen disposición para la enfermería, la forma de aplicar primeros auxilios y atender heridos, inclusive heridos graves, cuando no pudiesen trasladarlos a donde hubiera especialistas.”* [88]

A principios de septiembre, Fidel pide al Che y a Calixto que se refugien en Ixtapan de la Sal, sin embargo, tras un ataque de asma del primero, se trasladan a Toluca, ciudad con un clima más seco. Después reciben órdenes de reunirse en Veracruz con otros expedicionarios y finalmente retornan a la Ciudad México. En esa ocasión, el Che se aloja en una casa de Lindavista, mientras que otros de sus compañeros se esconden en diversas casas de seguridad ubicadas en Morena 323, colonia del Valle; Coahuila 129, colonia Roma y México 33 colonia Condesa. [89]

Ese mismo mes, “*durante un recorrido de Fidel con el Cuate por el río Tuxpan,* en *búsqueda de un lugar para probar armas, observan un yate, con el nombre de Granma. Al conocer que está en venta”*[90] contactan con el dueño, Robert Erikson y se lo compra en dieciocho mil dólares. Cabe resaltar que el barco estaba muy deteriorado, debido a un ciclón que lo dejó un tiempo semihundido.

El 15 de octubre se reinician los entrenamientos en el rancho María de Ángeles, en Abasolo, Tamaulipas, con 36 nuevos reclutas. El Che y otros de sus compañeros

87 Taibo, *op. cit.,* p. 119
88 Gadea, *op. cit.,* p. 186
89 Tello, 2016, p. 5
90 Gálvez, *op. cit*. p. 418

permanecen en un departamento en la calle de Anaxágoras, Colonia del Valle. Algunos fines de semana *éste va a visitar a* su esposa e hija. Al respecto Hilda recuerda: "*una de esas noches de* lectura y conversación, me recitó un poema dedicado a la niña: A Hilda Beatriz, adolescente… *La llamaba el pétalo más profundo del amor."* [91]

En octubre el Che envía una carta a su madre en la que comenta: *"yo, en tren de cambiar el ordenamiento de mis estudios: antes me dedicaba mal que bien a la medicina y el tiempo libre lo dedicaba al estudio en forma informal de San Carlos* [Marx]… *La nueva etapa de mi vida exige también el cambio de ordenación; ahora San Carlos es primordial, es el eje, y será por los años que el esferoide me admita en su capa más externa."* [92]

El Che también le escribe una carta a su amiga Tita Infante, en la que comenta: "*hace tiempo, unos muchachos cubanos, revolucionarios, me invitaron a que ayudara al Movimiento con mis conocimientos médicos y yo acepté porque Ud. debe saber que es el tipo de laburo que me piace. Fui a un rancho en las montañas a dirigir el entrenamiento físico, vacunar las huestes, etc., pero me puse tan salado (cubanería) que la policía arreó con todos, y como yo estaba chueco (mexicanada) en mis papeles me comí 2 meses de cárcel… De esto hace 3 meses y todavía estoy por aquí, aunque escondido y sin horizonte en México. Sólo espero ver qué pasa con la Revolución; si sale bien, voy para Cuba, si sale mal empezaré a buscar país adonde sentar mis reales. Este año puede dar un vuelco en mi vida… Tal vez le interese saber que mi vida matrimonial está casi totalmente rota y se rompe definitivamente el mes que viene, pues mi mujer se va a Perú a ver a su familia, de la que está separada desde hace 8 años. Hay cierto dejo amarguito en la ruptura, pues fue una leal compañera y su conducta revolucionaria fue irreprochable durante mis vacaciones forzadas, pero nuestra discordancia espiritual era muy grande y yo vivo con ese espíritu anárquico que me hace soñar horizontes."* [93]

Los avances en la preparación de la expedición continúan, a fines de octubre se suman más cubanos, "*cuarenta flamantes reclutas revolucionarios llegaron a México desde Cuba y Estados Unidos. Perdido el Rancho San Miguel, tuvieron que entrenarse en bases alejadas: una en* [Abasolo] *Tamaulipas, cerca de la frontera con Estados Unidos, y otra en Veracruz"* [94]. Así, por ejemplo, *"retorna el médico Faustino Pérez de la Habana; se suma Camilo Cienfuegos, el sastre, mago del pluriempleo, con la cicatriz en la pierna producto de un disparo policiaco obtenido en las manifestaciones estudiantiles. Persiguiendo el rumor de que "algo grande se cocina en México", se ha lanzado a descubrirlo para participar en ello desde su exilio en Estados Unidos, se incorpora Efigenio Ameijeiras."* [95]

En una carta fechada el 15 de noviembre, el Che escribe a su madre: comentándole: *"pocas novedades puedo darte de mi vida, pues ahora sólo hago un poco de gimnasia,*

91 Citado por Gálvez, *op. cit.,* p. 419
92 Guevara E. 2001, *op. cit.,* p. 184
93 *Ibid.* pp. 186-187
94 Anderson, *op. cit.*, p. 192
95 Taibo, *op. cit*, p. 118

leo una barbaridad, particularmente de los que ya te imaginás, y veo a Hilda algunos fines de semana… Tenía preparado un proyecto de vida con diez años de vagabundeo, años posteriores de estudio de medicina, y después, si quedaba tiempo, internarme en la gran aventura de la física. Todo aquello es pasado; lo único que está claro es que los diez años de vagabundeo tienen visos de ser más (salvo que circunstancias imprevistas supriman todo vagabundeo), pero ya será de un tipo totalmente diferente al que soñé y cuando llegué a un nuevo país no será para recorrer tierras, ver museos y ruinas, sino además (porque aquello siempre me interesa) para unirme a la lucha del pueblo." [96]

DOS DESERCIONES Y UN TRAIDOR PRECIPITAN LA EXPEDICIÓN

A mediados de noviembre, Gutiérrez Barrios, quién ocasionalmente seguía viendo a Fidel, le comentó que los estaban traicionando: el personaje era Rafael del Pino, un ex condiscípulo suyo en la época de la universidad.

Por otra parte, el 21 del mismo mes "*se producen dos deserciones en el rancho de Abasolo y esto pone en peligro todo el plan. Fidel toma la decisión: La orden de movilización comienza a circular entre los grupos dispersos* [Ciudad de México, Veracruz y Tamaulipas] *de los futuros invasores... La cita es el 24 en un embarcadero río Tuxpan arriba, a pocos kilómetros del pequeño puerto en el estado de Veracruz. El Che recuerda: la orden de partida nos llegó de golpe, y todos tuvimos que salir de México tal como estábamos, en grupos de a dos o tres. Teníamos un traidor entre nosotros, y Fidel había ordenado que no bien llegara la orden había que salir con lo que tuviera a mano, para evitar que el traidor diera aviso a la policía. El Che deja la cama deshecha, la bombilla de mate tirada y los libros abiertos, Días más tarde, cuando sus amigos se inquietan y abren el cuarto violentando el candado, descubren los restos de sus lecturas finales en México: "El Estado y la revolución" de Lenin; "El capital" de Marx; una obra de Germán Arciniegas; un manual de cirugía de campaña, y "Cómo opera el capital yanqui en Centroamérica."* [97]

El 23 de noviembre Faustino Pérez "*recibe la orden de trasladar a los hombres en pequeños grupos hacia Tampico, para el 24 continuar a Tuxpan. Desde Veracruz parten hacia Jalapa… De los que salen de la capital, unos marchan a Pachuca, vía Villa Juárez [y] Poza Rica… A pesar de que meteorología anunció mal tiempo y prohibición de la navegación para las embarcaciones menores, la orden de partir no puede suspenderse debido al posible peligro de ser apresados."* [98]

---

96 Guevara E. 2001 *op. cit.* p. 184
97 Taibo, *op. cit.,* p. 121
98 Gálvez, *op. cit.* pp. 427-428



Imagen 12: El Che (derecha) con expedicionarios del Granma

Fidel recordará que *"el número de hombres en el Granma era de 82, algunos restantes no pudimos traerlos… Además de los "gordos", un cuadro clave como Pedro Miret se ha quedado en tierra esperando juicio en México, El Patojo ha sido rechazado por Fidel, que no quiere que la expedición se vuelva una "legión extranjera". El Cuate quedará excluido y su participación en el final de la expedición se limitará a recorrer el golfo de México hasta Isla Mujeres en previsión de que el Granma pueda sufrir una avería técnica, Bayo será rechazado por razones de edad y nada podrá consolarlo; el propio Vanegas tendrá que despedirse del Che llorando."* [99]

Ustariz describe la situación "*las provisiones son escasas: dos mil naranjas, dos jamones rebanados, cuarenta y ocho latas de leche condensada, una caja de huevos, cien tabletas de chocolate y cuatro kilos de pan"* [100] y Cormier complementa: *"los hombres se apiñan a punto de asfixiarse. Entre ellos figuran veinte sobrevivientes del ataque del Moncada y cuatro no cubanos: el italiano Gino Donne, el mexicano Guillén, el piloto dominicano Ramón Mejías y el argentino Ernesto Guevara. Éste último en calidad de médico, pero con el grado de teniente"* [101]. Tres de los expedicionarios: Rolando Moya, César Gómez y Arturo Chaumont, más tarde se convertirían en traidores al movimiento.

Años después del desembarco a la isla, el Che recuerda: "*el 25 de noviembre de 1956, a las dos de la madrugada, empezaban a hacerse realidad las frases de Fidel, que habían servido de mofa a la prensa oficialista: en el año 1956 seremos libres o seremos mártires. Salimos con las luces apagadas, del puerto de Tuxpan, en medio de un hacinamiento infernal de materiales de toda clase y de hombres. Teníamos muy mal tiempo y, aunque la navegación estaba prohibida, el estuario del río se mantenía tranquillo. Cruzamos la boca del puerto yucateco y, a poco más, se encendieron las luces. Empezamos la búsqueda frenética de los antihistamínicos contra el mareo, que no aparecían, se cantaron los himnos*

99 Citado por Taibo, *op cit.* p. 122
100 Ustariz, 2008, p. 83
101 Cormier, *op. cit.,* p. 99

nacionales, cubano y del "26 de Julio" quizá durante cinco minutos en total, y después el barco entero presentaba un aspecto ridículamente trágico; hombres con la angustia reflejada en el rostro, agarrándose el estómago. Unos con la cabeza metida dentro de un cubo y otros tumbados en las más extrañas posiciones, inmóviles y con las ropas sucias por el vómito. Salvo dos o tres marinos y cuatro o cinco personas más, el resto de los ochenta y tres tripulantes se marearon, Pero al cuarto o quinto día el panorama general se alivió un poco… Habían sido siete días de hambre y de mareo continuos durante la travesía, sumados a tres días más, terribles, en tierra. A los diez días exactos de la salida de México, el 5 de diciembre de madrugada, después de una marcha nocturna interrumpida por los desmayos y las fatigas y los descansos de la tropa, alcanzamos un punto conocido paradójicamente por el nombre de Alegría del Pío." [102]

El balance de la travesía no sería nada alentador, de *"los 82 expedicionarios, 20 morirían al desembarcar, 21 serían encarcelados, 21 más desaparecerían y sólo 20 alcanzarían la Sierra Maestra, donde habrían de comenzar la guerra de liberación."* [103]

El año de 1956 marcará significativamente la vida de Guevara: Ernesto pasará a ser conocido en el mundo como el Che, e iniciará un proceso revolucionario por distintas tierras del mundo: Cuba, el Congo y Bolivia, donde finalmente caerá abatido. Sin duda, se erigirá como una figura que a lo postre la historia lo convertirá en una leyenda.

REFERENCIAS

Anderson J. (1997) Che una vida revolucionaria. Emece, Barcelona, 704 p.

Ariet G. (2010) El pensamiento político de Ernesto Che Guevara. Ocean Sur, México, 223 p.

Cormier J. (1997) La vida del Che. Mística y coraje. Editorial Sudamericana, Buenos Aires, 368 p.

Gadea H. (2017) Mi vida con el Che. Comisión Organizadora de los 50 Años de la Gesta Heroica del Che, Callao, 271 p.

Gálvez Rodríguez W. (2002) Viajes y aventuras del joven Ernesto. Ruta del guerrillero. Editorial Ciencias Sociales, Habana, 442 p.

Giménez S. (2015) Personajes de la historia Che Guevara. Edimat, Madrid, 189 p.

Guevara E. (1964) Pasajes de la guerra revolucionaria. Ediciones Huracán, La Habana, 283 p.

Guevara E. (2001) Otra vez. Diario inédito del segundo viaje por Latinoamérica. Ediciones B, Barcelona, 187 p.

Guevara E. (2002) Obras completas. Andrómeda, Buenos Aires, 699 p.

102 Guevara E. 1964, pp. 13-14
103 Tello, *op. cit.* p. 4

Guevara L. (1988) Aquí va un soldado de América. Planeta, México, 170 p.

Huertas P. (2015) Guevara Che. Libsa, Madrid, 288 p.

Kalfon P. (1997) Che. Ernesto Guevara, una leyenda de nuestro siglo. Plaza y Janés, México, 674 p.

Medina N. (2007) ¿Te acordás, Che comandante? Ediciones Eón, México, 168 p.

O´Donnell P. (2003) La Vida por un mundo mejor Che. Plaza & Janés, México, 571 p.

Ratner M. y Smith M.E. (2000) El Che Guevara y el FBI. Siglo XXI, México, 334 p.

Salgado E. (1970). Radiografía del Che. Dopesa, Barcelona, 207 p.

Taibo P.I. (1996) Ernesto Guevara también conocido como el Che. Planeta/Joaquín Mortiz, México, 860 p.

Tello Díaz Carlos (2016) “Fidel Castro zarpa de Tuxpan en el Granma”. Revista Nexos, 2016

Ustariz A. (2008) Che Guevara, Vida, muerte y resurrección de un mito, Nowtilis, Madrid, 445 p.

Imágenes

Casaus V. (2007) Che desde la memoria. Ocean Sur, Melbourne, 305 p. Imágenes 3, 7 y 12

Gadea H. (2017) Mi vida con el Che. Comisión Organizadora de los 50 Años de la Gesta Heroica del Che, Callao, 271 p. Imágenes 2, 4 y 5

Guevara E. (2001) Otra vez. Diario inédito del segundo viaje por Latinoamérica. Ediciones B, Barcelona, 187 p. Imágenes 8, 10 y 11

Sainz A. (2018) Imágenes 6 y 9

Sánchez M. (1997) Che sueño rebelde. Editorial Diana, México, 223 p. Imagen 13

Viaja bonito mx: http://www.viajabonitomx.com/2014/05/ciudad-mexico-imagenes-antiguas-fotos.html: Internet: 1

CAPÍTULO 2

A ALMA PENADA DE ANTÔNIO DE SOUZA NETTO: UM SENHOR DA GUERRA NA LITERATURA E NA HISTÓRIA (1835-1865)

Data de aceite: 01/09/2022

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Departamento de História

RESUMO: No romance "Netto Perde Sua Alma" procuro alguns significados que ficção cria sobre as fronteiras, o caudilhismo e as guerras na estremadura sulina do Império. Mais que isto, entender um pouco mais como a Guerra dos Farrapos e seus protagonistas ainda constroem um mito de origem importante para a formação de uma identidade regional-provincial ainda muito forte no Rio Grande do Sul. Se o livro inspirou um filme que lhe foi muito fidedigno, este por sua vez multiplicou a obra de Ruas, tornando Netto o nome mais empático dentre os chefes farroupilhas. Neste sentido, a Literatura e o Cinema rio-grandenses cumpriram um papel fundamental atingindo um público-alvo relevante, incrementando muito a divulgação das ideias do autor, tornando o texto canônico em relação ao Rio Grande em tempos de guerra.
PALAVRAS-CHAVE: Caudilhos – Fronteira – Guerra – Formação do Estado – História e Ficção.

THE CURSED SOUL OF ANTÔNIO DE SOUZA NETTO: A LORD OF WAR IN LITERATURE AND HISTORY (1835-1865)

ABSTRACT: In the novel "Netto Perde Sua Alma" I look for some meanings that fictuin creates about frontiers, the warlords and ears in the southern extreme of the Empire. More than yhat, to understand a little more how the War of the Rags and its protagonists still build an important origin myth of a regional-provincial still very Strong in Rio Grande do Sul. If the book inspired a film that was reliable to him, this in turn multiplied Ruas"s work, making Netto the most empayhetic name among the Rags chiefs. In this sense, Literature and Movie from Rio Grande do Sul played a fundamental role in reaching a relevant target audience, greatly increasing the dissemination of author's ideas, making the text canoniin relation to Rio Grande in times of war.
KEYWORDS: Warlords – Frontier – War – State Formation – History and Fiction.

INTRODUÇÃO. NETTO E RUAS: ATOS, FATOS E FICÇÕES

O caudilho Antônio de Souza Neto foi um importante "senhor da guerra": uso esta expressão para denominar os comandantes de armas do Rio Grande do Sul, que faziam das guerras fronteiriças uma forma de atender seus anseios econômicos e políticos. Como tal, foi um ator protagonista nos principais conflitos do Século XIX na estremadura. Apoiando desde o início os revoltosos na Guerra dos Farrapos, proclamou a República Rio-Grandense em 11 de setembro de 1836. Destacou-se como um dos seis generais farroupilhas ao longo de toda rebelião, e exilou-se no Estado Oriental do Uruguai logo após a pacificação da Guerra dos Farrapos em fevereiro de 1845. Grande

proprietário de terras, gados e escravos, muitas vezes esteve à frente de reivindicações de estancieiros rio-grandenses no Estado Oriental, quase invariavelmente contra governantes do *Partido Blanco*. Teve ativa participação junto ao exército formado do Império do Brasil que fez parte da coalisão com os *colorados* orientais de Rivera e dos seguidores do governador Urquiza de Entre Rios, nas campanhas que derrotaram sucessivamente os *blancos* do de Oribe em 1851, e Rosas – governador de Buenos Aires e representante da Confederação Argentina para assuntos externos – maior liderança do *Partido Federal* desde 1832. Em 1863, apoiou a insurgência do chefe *colorado* Venancio Flores contra o presidente Berro, do *Partido Blanco*. Neste conflito envolveu as forças do Império do Brasil, provocando uma enérgica reação do Paraguai, que seria uma das desencadeantes da Guerra da Tríplice Aliança. Organizou um regimento de cavalaria sob seu comando para lutar no grande conflito, falecendo em Corrientes em julho de 1866.

O escritor rio-grandense Tabajara Ruas no romance "Os Varões Assinalados", sobre a Guerra dos Farrapos, editado em 1985, já havia abordado aspectos de Netto como personagem destacada do livro (RUAS, 1995). No texto em tela, tratarei especificamente de uma obra em que o autor se aprofunda na trajetória da referida personagem publicando em 1995 o romance "Netto Perde Sua Alma" (RUAS, 1998). Só em 2001 foi lançado o filme homônimo, com roteiro do próprio autor, que também compartilhou sua direção, o que tornou a narrativa cinematográfica muito fiel ao livro (NETTO, 2001).

Procuro no romance alguns significados que ficção cria sobre as fronteiras, o caudilhismo e as guerras na estremadura sulina do Império. Mais que isto, entender um pouco mais como a Guerra dos Farrapos e seus protagonistas ainda constroem um mito de origem importante para a formação de uma identidade regional-provincial ainda muito forte no Rio Grande do Sul. Se o livro inspirou um filme que lhe foi muito fidedigno, este por sua vez multiplicou a obra de Ruas, tornando Netto o nome mais empático dentre os chefes farroupilhas. Neste sentido, a Literatura e o Cinema rio-grandenses cumpriram um papel fundamental atingindo um público-alvo relevante, incrementando muito a divulgação das ideias do autor, tornando o texto canônico em relação ao Rio Grande em tempos de guerra.

Divido o texto em três partes: uma digressão sobre a trajetória de Antônio de Souza Netto, a análise do livro de Tabajara Ruas, e considerações sobre a apropriação literária da história do caudilho. Ao final de tudo deixei como adendo o texto da Proclamação da República Rio-Grandense, afinal o feito mais conhecido do caudilho.

AS ANDANÇAS DO GINETE (OU "FATOS REAIS QUE ACONTECERAM")

Faço aqui uma brevíssima biografia do caudilho Antônio de Souza Netto. Filho de estancieiros, Netto nasceu no Povo Novo, município de Rio Grande, em data indefinida: de acordo com Othelo Rosa, seria em 11 de fevereiro de 1801 (1935, p. 37); já Carlos Urbim escreveu que o registro do batismo aponta 25 de maio de 1803 (1974, p. 74). Também o

sobrenome dele traz dúvidas: Netto – ou Neto – não era agnome, mas um nome familiar adotado por seu pai, Francisco. No prefácio ao romance em tela, o jornalista Elmar Bones esclarece que no registro de batismo o aparece “Neto”, mas o caudilho assinava sempre “Netto” (RUAS, 1998, p. 21). Nos Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul aparece a grafia “Neto” no volume 12 (1998) e “Netto” no volume 13 (2004). Nesse texto respeito a escolha de Ruas por “Netto”.

Criou-se nos campos da família em Bagé, onde tornou-se muito hábil nas lidas campeiras, sendo reconhecido como emérito cavaleiro (DUMAS, 1998, p. 68). Seus estudos foram aqueles fundamentais disponíveis nos tempos de antanho, suficientes para lidar com os negócios do campo e para a carreira militar nas milícias. Ao final da Guerra da Cisplatina, em 1828, já era Capitão de Segunda Linha, posto que manteve quando se criaram as Guardas Nacionais. Quando se desencadeou a Guerra dos Farrapos, Netto tinha a patente de Coronel de Legião em Bagé, e foi dos primeiros seguidores de Bento Gonçalves.

Nos primeiros movimentos a Guerra dos Farrapos manteve-se sempre próximo à divisa com o Estado Oriental do Uruguai, invariavelmente em perseguição ao coronel legalista João Silva Tavares, cuja família também possuía campos em Bagé e no país limítrofe. A rivalidade entre os dois foi marcante na primeira fase da Guerra dos Farrapos. Em 1836 Netto derrotou Silva Tavares no famoso combate do arroio Seival, no Campo dos Menezes, próximo a Bagé. No dia seguinte, 11 de setembro, sob influência dos republicanos mais exaltados – Manoel Lucas de Oliveira, em especial – proclamou a República Rio-Grandense.

O episódio foi controvertido: Bento Gonçalves não era republicano; acossado que estava pelo legalista Bento Manoel Ribeiro, aceitou a proclamação como fato consumado. Derrotado na batalha do Fanfa em 4 de outubro do mesmo ano, permaneceria prisioneiro do Império até dezembro de 1837, quando fugiu e retornou ao Rio Grande. Mesmo ausente, foi eleito presidente da república proclamada por Netto. Também havia indícios de que a proclamação tivesse seguido sugestões do presidente uruguaio Manuel de Oribe como condição para prestar auxílio aos rebeldes; ao que parece, diversos orientais faziam parte da brigada de Netto no combate do Seival (GUAZZELLI, 2013, p. 115-126).

Foi feito general, após a morte de João Manoel de Lima e Silva. Esta promoção tinha muita importância: a República Rio-Grandense aboliu todas as patentes militares mais elevadas que existiam nos exércitos do Império de Brasil, mantendo apenas a de general. Somente seis republicanos alcançaram este posto: João Manoel de Lima e Silva, Bento Gonçalves da Silva, Antônio de Souza Netto, Bento Manoel Ribeiro (no período em que aderiu à República Rio-Grandense), David Canabarro e João Antônio da Silveira.

Netto tornou-se Comandante em Chefe das armas rebeldes até o retorno de Bento Gonçalves. Pouco adepto de formalidades marciais, Netto teria usado sempre poncho e chapéu campeiros. Sua única imagem é *Retrato de Antônio de Souza Neto*, uma pintura

do século XIX de autoria de Azevedo Dutra: nela o general aparece como um homem maduro – portanto muitos anos depois da Guerra dos Farrapos – usando um dólmã e quepe militares azuis, como eram usuais no exército brasileiro.

Afamado como ginete e exímio conhecedor de cavalos, era um dos oficiais mais preocupados com a remonta do exército farroupilha, cuja cavalaria foi a razão mais alta para as dificuldades dos legalistas em vencerem a rebelião. Paradoxalmente, estas qualidades não impediram que, mais tarde, o general Netto fosse responsabilizado pelos companheiros de armas por não ter impedido que seis mil cavalos comprados na Argentina fossem capturados pelos legalistas.

Foi um dos mentores do famoso Regimento de Lanceiros Negros, formado por escravos libertos sob o comando direto de Joaquim Teixeira Nunes, o *Gavião*, considerado o maior lanceiro do seu tempo. Nas guerras civis do Rio da Prata isso não era tão raro, mesmo que os negros libertos ainda fossem utilizados principalmente na infantaria. Esta conduta em relação aos libertos que da cavalaria republicana não significava uma postura abolicionista. Netto era proprietários de escravos em suas estâncias no Rio Grande do Sul e no Uruguai. Nunca aceitou tratativas de paz com o Império; após a assinatura do convênio de Ponche Verde que reincorporou os sublevados ao Império, Netto retirou-se para o Estado Oriental, estabelecendo-se na estância de *Piedra Sola*, a norte de *Paysandu.*

No Uruguai, desde 1843 estava em curso a *Guerra Grande*: de um lado os *blancos* com seu líder Manuel Oribe, que associava ao seu exército soldados do *Partido Federal* argentino enviados por seu aliado Juan Manuel de Rosas, governador de Buenos Aires; de outro, os *colorados* do Presidente Fructuoso Rivera, apoiado pelos *unitarios* exilados da Confederação Argentina, sitiados em Montevidéu. As escaramuças nos campos uruguaior perturbavam os estancieiros rio-grandenses de ambos os lados da fronteira, motivando represálias de Netto no Estado Oriental contra os *blancos* a alegados confiscos de gados e de escravos.

Em 1851, quando Urquiza, governador de Entre Rios moveu guerra contra seu antigo aliado Rosas e invadiu o Uruguai para atacar Oribe, além do apoio dos *colorados* contou com a intervenção do Império do Brasil a seu lado, e Netto formou a Brigada de Voluntários Rio-Grandenses. Sua participação na vitória contra Oribe em 1851 e contra Rosas em 1852 foi contemplada com a promoção dos seus comandados à Primeira Linha, como Brigada de Cavalaria Ligeira, e para Netto o título de Brigadeiro Honorário do exército brasileiro.

Em 1859 estavam novamente os *blancos* no poder do Estado Oriental, e Netto dirigiu queixas ao Império como "representante" dos brasileiros – vale dizer, dos estancieiros rio-grandenses – que viviam no Uruguai, sempre referindo intervenções governamentais descabidas em suas propriedades. Dois anos depois, o já quase sexagenário general, até então celibatário, casou-se com a uruguaia Maria Escayola, filha de estancieiros de *Paysandu*, com quem teve duas filhas.

Corria o ano de 1864 quando Netto, a frente de diversos conterrâneos, apoiou as

forças do *colorado* Venancio Flores, que iniciara no ano anterior uma nova campanha militar contra o governo *blanco* do Presidente Bernardo Berro e de seu sucessor Anastasio Aguirre. Os pedidos de Netto tiveram eco, e o Império do Brasil apoiou os *colorados*, assim como o Presidente Bartolomé Mitrem da Argentina. Esta dupla intromissão das duas maiores potências sul-americanas nos assuntos uruguaios foi considerada uma agressão pelo Paraguai de Solano Lopez, constituindo-se em um dos estopins do maior confronto militar na América do Sul. A República Oriental do Uruguai, o Império do Brasil e a República Argentina a assinaram em 1.º de maio de 1965 o Tratado da Tríplice Aliança, desfechando a guerra que levou o mesmo nome contra o Paraguai.

Nos primeiros movimentos, os paraguaios invadiram a província de Corrientes e atacaram o território fronteiriço do Rio Grande do Sul, ocupando São Borja, Itaqui e Uruguaiana. Em fevereiro de 1865 Netto regressou do Uruguai no comando da sua Brigada de Cavalaria Ligeira para combater os paraguaios cercados em Uruguaiana, levando a antiga bandeira da República Rio-Grandense junto com a do Império. Sob as ordens de Manoel Luiz Osório bateu-se nas batalhas de *Estero Bellaco* e de *Tuyuti*, em maio de 1866. Devido à malária adquirida nos terrenos pantanosos do Paraguai, veio a falecer no Hospital de Sangue de Corrientes em 1.º de julho do mesmo ano.

AS LIDES DO ESCRITOR (OU “O QUE DIZEM AS OBRAS DE FICÇÃO”)

Os capítulos do livro “Netto Perde Sua Alma” abordam a vida do caudilho em diversos tempos. “Corrientes” inicia a trama a partir dos últimos dias de Netto no hospital de Corrientes, julho de 1866; “Reunião no Morro da Fortaleza”, faz um longo *flashback* até abril de 1840, quando a República Rio-Grandense já enfrentava sérias dificuldades; cederam o confronto com os legalistas no Campo dos Menezes; “Dorsal das Encantadas” recua o tempo da narrativa a setembro de 1836, quando Netto proclamou a República nos campos do Seival; segue-se “O Último Verão do Continente”, transportando a ação para março de 1845, logo após o armistício; “Piedra Sola” mostra a vida de Netto no Estado Oriental em junho de 1861, com destaque para seu encontro e romance com sua futura esposa Maria Escayola; o capítulo final também se intitula “Corrientes” e retoma as horas finais do general em 1866 no hospital de sangue. Ancorando-se nesses distintos momentos da vida do general, a reconstrução dos seus atos e da sua personalidade ganha verossimilhança, e o herói se destaca na saga dos campos rio-grandenses, marcadas pelos muitos anos de guerras.

Antecedendo o primeiro capítulo, duas páginas descrevem uma cena digna de contos de mistério, com três mortos encontrados no início do dia pela enfermeira de um hospital: o tenente-coronel cirurgião, o francês Philippe Fontainebleux, o major argentino Ramirez e o general Souza Netto. O capítulo I, “Corrientes” é datado de 1.º de julho de 1866. Netto foi hospitalizado em Corrientes devido a ferimento recebido no combate de *Tuyuti.*

Ele está atento ao atendimento que recebem oficiais argentinos também feridos, muito pesaroso com o infeliz capitão De los Santos, vítima do sádico cirurgião Fontainebleux que, no entanto, dá tratamento diferenciado ao cruel major Ramirez. Das suas lembranças recentes há um diálogo com Osório, na véspera da batalha de *Tuyuti*, onde rememoram chefes rio-grandenses que haviam morrido; ao fim dessa conversa, um isolado barqueiro fez Netto lembrar o mitológico Caron, que conduzia os mortos ao Hades. Além desta referência inusitada à mitologia grega, decorre daí uma improvável recitação em italiano do Canto III do "Inferno", da *Divina Comédia* de Dante, livro que Netto teria recebido de Garibaldi e lido no original, com a oportuna glosa de Osório, também na mesma língua. Com toda a consideração que as liberdades poéticas devem receber nas obras ficcionais, o trecho parece muito improvável: Netto e Osório tiveram estudos muito irregulares que os permitissem conhecer literatura estrangeira com tanta fluência.

O final do capítulo traz a visita do sargento Caldeira, um negro que o acompanhou desde Guerra dos Farrapos. Caldeira é portador de carta do antigo ministro republicano Domingos José de Almeida, que transcreve trechos de uma missiva de Garibaldi, na qual o italiano alardeava as qualidades dos comandantes rio-grandenses, especialmente Netto. A macabra amputação das pernas do capitão De los Santos pelo sinistro médico traz muita indignação a Netto, e ele conspira com Caldeira seu assassinato.

"Reunião no Morro da Fortaleza", datado em 8 de abril de 1840, inicia com um diálogo entre Netto e Garibaldi, onde o corsário se diz inspirado pelos farrapos para uma causa futura, a unificação da Itália como uma república. Segue-se uma passagem emblemática na recriação do Rio Grande do passado, quando Netto e o capitão Teixeira Nunes, o *Gavião,* comandante dos lanceiros negros do exército republicano. Chegando a uma fazenda procurando por cavalos, foram recebidos pela dona e sua nora, armadas, e inquirindo fortemente sobre a procedência dos estranhos; essas mulheres representam muito bem uma realidade onde a ausência dos homens da casa, elas assumiam os negócios e a segurança dos lares. Na sequência, quando as pessoas se dão a conhecer, também fica muito claro quão reduzidas eram as gentes desta elite estancieira, onde as poucas famílias sabem perfeitamente quem são os demais membros de sua classe social, de onde vieram e onde se localizam. Netto e *Gavião* são reconhecidos pelo jovem escravo Milonga, que os idolatra como protetores dos escravos e fiadores de sua futura liberdade: a luta dos Farrapos se identifica aqui com a liberdade dos cativos. Na volta para o acampamento, foram atacados por cinco charruas, sendo salvos pelos certeiros tiros de Milonga que os seguia secretamente.

O terceiro capítulo é "Dorsal das Encantadas", passado em 11 de setembro de 1836. É o mais curto dos capítulos, apesar de narrar a proeza mais conhecida da Netto: a proclamação da República Rio-Grandense, após a Batalha do Seival, ganha pela sua carga de cavalaria ligeira de lanceiros. Nessa passagem, ele reflete sobre a hiperbólica frase de Ricardo III na peça homônima de Shakespeare: *"Um cavalo! Um cavalo! Meu reino por um*

cavalo! " Uma vez mais Ruas atribuiu ao general um conhecimento literário inverossímil numa elite rural como a rio-grandense; se na citação a Dante o general já era um homem maduro; no presente ela recorda uma leitura do dramaturgo inglês com meros 32 anos, metade deles vividos em campos de batalha!

Mais adiante entretém uma longa conversa com Lucas de Oliveira, que trata de convencê-lo à secessão da província, mesmo na ausência de Bento Gonçalves. Netto mostra-se prudente, mesmo sabendo-se apoiado por outros chefes, reconhecendo a grande disparidade de poder comparando suas forças com as do Império do Brasil. Uma vez mais uma nota da erudição literária de Netto ainda jovem, comparando a província com Lilliput, das *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, que lhe havia sido presenteado pelo mesmo Lucas de Oliveira! Mas a decisão de "fundar um país" só é tomada após um diálogo com Caldeira. O sargento, com muitos outros escravos, fugira para a mítica Serra das Encantadas; viera com os demais compor a cavalaria dos negros por acreditar num novo país que Netto podia criar.

Esse otimismo já fora totalmente destruído em 2 de março de 1845, dias após o acordo de paz com o Império. Em "Último Verão do Continente" a questão social aparece com um dos pontos mais altos do livro. No que diz respeito a uns e outros, o acordo, que preservou a condição social dos estancieiros, além de garantir seus postos no exército imperial, não resultou em vantagens para os cativos que haviam sido alforriados para incorporarem-se às hostes rebeldes. Soldados negros, entre eles Milonga, discutem revoltados a promessa não cumprida de garantir-lhes a liberdade, e planejam fugir para a Serra das Encantadas; debalde o sargento Caldeira tenta explicar a inutilidade de ir contra a situação em que os chefes farrapos precisavam assinar a paz. Em conversa com o legalista Osório, o próprio Netto comenta que os negros foram os mais prejudicados pela guerra, e que se retirará para o Uruguai com duzentos seguidores. No final do capítulo ele é afrontado por Milonga que, cobrando também a morte do "Gavião" Teixeira Nunes, tenta matar o general usando um revólver, anacrônico e, mais surpreendente ainda, nas mãos de um lanceiro negro! Caldeira, na defesa de Netto, mata o "negrinho burro"

"Piedra Sola", passado em 25 de junho de 1861, mostra a vida do general no exílio uruguaio. Netto, no início do capítulo; sem inimigos com quem guerrear, passa seu ócio caçando um jaguar; desta feita usa um rifle Winchester de repetição em mais um anacronismo, pois esta arma só foi colocada no mercado em 1866! A imponência da fortaleza que construiu na estância de *Piedra Sola* representa tanto o poder econômico de Netto, quanto a condição do caudilho que já enfrenta novos inimigos. O general segue amante das letras, cochilando à beira do fogo com um exemplar de *A Divina Pastora*, o segundo romance escrito no Brasil, obra de Caldre e Fião de 1847 (CALDRE E FIÃO, 1992).

Dias depois, em casa do pai de Maria, Netto tem uma conversa tensa com o embaixador inglês Thornton, onde é discutida a situação política do Rio da Prata e

a insatisfação britânica com o Paraguai de Solano López. Netto não aceita os poderes discricionários do ditador, mas nega a qualificação de barbárie; estende sua contrariedade a reis e imperadores, e mesmo aos caudilhos quando é deles lembrado pelo embaixador. Mais tarde acontece o encontro romântico entre Netto e a Maria, ele com 57 e ela com 38 anos. Ao final do capítulo, a futura esposa, com quem teria duas filhas, adivinha a proximidade de um novo conflito armado.

Novamente “Corrientes”, o ato final passado na madrugada de 1º de julho de 1866. Primeiro o major Ramirez, a quem Caldeira atribui toda a sorte de crimes de guerra que ficaram impunes: ele é simplesmente sufocado. Netto mantém um interessante diálogo com o sargento Caldeira enquanto veste o uniforme completo: primeiro justifica que um oficial deve estar sempre bem apresentado, acrescentando que isto lhe permitiu uma entrevista com o Imperador sem descobrir-se, porque um militar fardado só se obriga a tirar o chapéu para as damas. Relatou ainda a Caldeira que, a uma menção de Pedro II sobre a belicosidade dos rio-grandenses, teria respondido que ela não era natural, mas consequência de duzentos anos de guerra na fronteira, e que para garantir o gosto pelas belas artes da Corte, que lembrava Atenas, era necessária a presença de Esparta.

Finalmente a fuga para a beira do rio. Lá esperava Caronte com sua barca! E então a revelação de Caldeira de que já cruzara esse rio, morto que fora em *Tuyuty*, no mesmo combate onde se ferira o general. A travessia, portanto, era dele só, que se apresentou ao barqueiro apenas com o nome Antônio.

DE VOLTA AOS ATOS, FATOS E FICÇÕES

O livro recebeu algumas críticas que o apontaram como mais uma apologia do passado rio-grandense, que me parecem inadequadas. O único momento em que se mostra épico é na proclamação da República Rio-Grandense, que foi uma bravata ao estilo provocativo de Netto, incentivado por Lucas de Oliveira e outros republicanos mais radicais. Sequer as poucas cenas de combate são portentosas; ao contrário, mostram os sofrimentos, as dores e as sujeiras dos campos de batalha. É certo que Netto não era um abolicionista, mas tentou preservar os cativos que haviam servido nas tropas farroupilhas, e seu amigo Teixeira Nunes comandou os lanceiros negros, e com eles foi morto na guerra. É um tanto pouco inverossímil o grau de “instrução” de Caldeira, capaz de ler cartas rebuscadas de Garibaldi e Almeida, e de compreender as metáforas do general, numa época em que o analfabetismo era a regra.

A empatia de Netto com seus comandados era aquela comum aos caudilhos do Prata, que faziam dos seus peões as milícias pessoais. É significativo que em nenhum momento do livro Netto se refira a si ou aos seus companheiros de armas como “gaúchos”, um anacronismo tão comum em obras do gênero. Por outro lado, a presença de negros libertos era uma usança desde a invasão luso-brasileira da Banda Oriental em 1811, e o

serviço militar foi desde então uma estratégia para fugir da escravidão, e o filme mostra com propriedade a grande presença de negros nas tropas farroupilhas e, por outro lado, também contempla a frustração e o desespero destes homens, que ao final da luta não obtiveram a liberdade esperada.

Em se tratando de uma sociedade pastoril e guerreira, e portanto muito masculina, as mulheres aparecem secundariamente, mas são apresentadas em três situações muito distintas: gerindo os negócios das estâncias, abandonadas pelos maridos e filhos que se incorporavam aos exércitos; acompanhando as tropas, como “vivandeiras” ou “chinas de soldado”, o que foi uma realidade peculiar ao espaço platino; e uma rara presença de intelectual urbana, pacifista e crítica mordaz da sociedade de então, onde os interesses econômicos e políticos destas elites masculinas se sobrepunham a quaisquer projetos de uma melhor qualidade de vida para todos.

Tabajara Ruas é mais um dos tantos escritores rio-grandenses oriundos da fronteira, e dela fez cenário para vários dos seus livros. Além de *Netto Perde sua Alma*, a Guerra dos Farrapos foi tema do já citado *Os Varões Assinalados*. Ambientado em sua Uruguaiana, em 1990 publicou por primeira vez *Perseguição e Cerco a Juvêncio Gutierrez* (2003), sobre um contrabandista de fronteira, e em 1997, com a parceria do jornalista Elmar Bones produziu *A Cabeça de Gumercindo Saraiva*, uma biografia do caudilho *maragato* da Revolução de 1893. A temática, portanto, é familiar para o autor. O romance se fundamenta em uma ou mais versões da história, e o faz apropriadamente, sem “erros históricos” visíveis. Assim, parece muito rançoso alguns historiadores discutirem aspectos que são polêmicos na historiografia dentro de uma obra ficcional, sempre atrás de uma “verdade” que se renova a cada investigação.

Apontei anacronismos que presumi em relação às leituras de Netto e seus camaradas de armas: ele aparece como um poliglota capaz de ler francês, inglês e italiano, e debate as obras com alguns camaradas, o que é muito inverossímil, mas é impossível confirmar esta impressão. Mais séria me parece a questão de armamentos modernos, pois destes pode-se averiguar com certeza quando foram inventados e colocados em uso. Mas reitero que estas observações não retiram as qualidades literárias do romance.

Em outra oportunidade escrevi um texto sobre o filme “Neto Perde Sua Alma” (GUAZZELLI, 2003) onde considerei que a alma de Netto permanecia extraviada pela campanha rio-grandense e oriental, quem sabe com alguns passeios pelos pântanos e rios do Paraguai. A palavra escrita ainda me “fala” – e também “cala”, no sentido de a(pro)fundar – melhor que as imagens em movimento, talvez porque posso voltar a elas, relê-las vezes sem conta... Quem sabe se por isto – e tendo passado treze anos daquela primeira chegada à história de Netto contada por Tabajara Ruas – eu cheguei a uma outra conclusão que, atrevidamente, contraria o próprio autor: penso hoje que Netto passou a vida procurando onde afinal havia se escondido sua alma! Morto, Netto atravessou o rio numa barca solitária, conduzido, quem sabe, pelo Caronte mitológico. Para o mundo das

sombras, onde estão as almas penadas? Para pensar, no mais...

REFERÊNCIAS

ANAIS DO ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL (Volume 12). **NETO, Antônio de Souza (CV-6063 a CV-6177).** Porto Alegre: CORAG, 1988, p. 11-92.

_______ (Volume 13). **NETTO, Antônio de Souza (CV-6178 a CV-6400).** Porto Alegre: CORAG, 2004, p. 13-166

BONES, Elmar. Em Busca do General. In: RUAS, Tabajara. **Netto Perde Sua Alma.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998, p. 17-38.

CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. **A Divina Pastora***.* Porto Alegre: RBS, 1992.

CARTA, Gianni. **Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho***.* São Paulo: Boitempo, 2013.

DUMAS, Alexandre. **Memórias de Garibaldi***.* Porto Alegre: L&PM, 1998.

GUAZZELLI, Cesar A. B. A Alma Extraviada de Netto. São Paulo: **CELPCYRO** (on-line), São Paulo: v. n.º 9, maio 2003.

_______. Regiões-províncias na Guerra da Tríplice Aliança. **Topoi.** Rio de Janeiro (RJ): v. 10, 2009, p. 70-89.

_______. **O Horizonte da Província: a República Rio-Grandense e os Caudilhos do Rio da Prata.** Porto Alegre: Linus, 2013.

_______. Entre a Província e o Império: as andanças de Antônio de Souza Neto e David Canabarro na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1865). In: ROMANI, Carlo; MENEGAT, Carla; ARANHA, Bruno (org.). **Fronteiras e Territorialidades. Miradas sul-americanas da Amazônia à Patagônia***.* Brasília/São Paulo: CAPES/Intermeios, 2019, p. 203-220.

MENEGAT, Carla. Projetos de fronteira e de nação: o jogo de relações políticas imbricadas nas relações Brasil-Uruguai (1830-1851). In: ROMANI, Carlo; _______; ARANHA, Bruno (org.). **Fronteiras e Territorialidades. Miradas sul-americanas da Amazônia à Patagônia.** Brasília/São Paulo: CAPES/Intermeios, 2019, p. 221-238.

NETTO PERDE SUA ALMA. Direção: Tabajara Ruas e Beto Silva. Produção: Tabajara Ruas. Porto Alegre (Brasil). Europa, 2001, 1 DVD.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. **Vultos e Fatos da Revolução Farroupilha***.* Brasília: Imprensa Nacional, 1990.

ROSA, Othelo. **Vultos da Epopéia Farroupilha**. Porto Alegre: Globo, 1935.

RUAS, Tabajara. *Netto Perde Sua Alma.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

_______. **Os Varões Assinalados**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

_______; BONES, Elmar. **A Cabeça de Gumercindo Saraiva**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SPALDING, Walter. **A Revolução Farroupilha**. São Paulo: Cia. Editora Nacional/ UnB, 1982.

THOMPSON FLORES, Mariana F. da C. **Crimes de fronteira: a criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889).** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

URBIM, Carlos. **Os Farrapos**. Porto Alegre: Zero Hora, 2001.

CAPÍTULO 3

EDUCAÇÃO DO CAMPO: HISTÓRIA E POLÍTICAS EDUCACIONAIS CONQUISTADAS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI

Data de aceite: 01/09/2022
Data de submissão: 08/06/2022

Marcelo Rodrigues de Moraes
Acadêmico do 4º ano do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO)
Campus de Irati-PR
http://lattes.cnpq.br/5244986863537914

Nelsi Antonia Pabis
Professora Adjunto do Departamento de Pedagogia da UNICENTRO-*Campus* de Irati.
Doutora em Educação pela UTP
http://lattes.cnpq.br/5849157722279736

RESUMO: Este artigo objetiva compreender de que forma se constituíram as políticas educacionais voltadas para a educação do campo; evidenciar a trajetória histórica da educação do campo; apresentar lembranças históricas de um ex-aluno de uma escola rural; identificar as políticas educacionais para o campo e suas finalidades. As discussões fundamentaram-se em Caldart, (2002), Soares (2002), Munarim (2008), Molina e Antunes-Rocha (2014), Polon (2014), Santos e Silva (2016), Santos (2017) e outros, os quais investigam acerca da educação do campo. A investigação é de natureza bibliográfica, documental e de memória. Desta forma, o estudo revela que ao longo da história, a população camponesa ficou à margem da legislação educacional. Entretanto, a partir da Constituição de 1988 e com a Lei de Diretrizes e Bases (LDBN) em 1996, a educação no campo começa a ganhar contornos, mas sem avanços. Porém, por meio de encontros como o ENERA em 1997, com a participação dos movimentos sociais como Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e com o apoio das universidades, a discussão em torno de políticas educacionais para o campo começa a ganhar força. Nos anos que seguem, leis, decretos e resoluções foram publicados e a educação básica para a população do campo ganha notoriedade por meio de programas como Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (PROCAMPO) e Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO).
PALAVRAS-CHAVE: Educação. Educação Rural. Memória. Políticas Públicas.

RURAL EDUCATION: HISTORY AND EDUCATIONAL POLICIES ACHIEVED IN THE FIRST DECADES OF THE 21ST CENTURY

ABSTRACT: This paper aims to understand how the educational policies aimed at rural education were constituted; to highlight the historical trajectory of rural education; to present historical memories of a former student of a rural school; to identify the educational policies for the field and their purposes. The discussions were based on Caldart (2002), Soares (2002), Munarim (2008), Molina and Antunes-Rocha (2014), Polon (2014), Santos and Silva (2016), Santos (2017) and others, who investigate about rural education. The research is of bibliographical, documental

and memory nature. Thus, the study reveals that throughout history, the peasant population was on the margins of educational legislation. However, after the Brazilian Constitution of 1988 and the Lei de Diretrizes e Bases (Law of Directives and Bases [LDBN]) in 1996, education in the field begins to gain contours, but without advances. However, through meetings like ENERA in 1997, with the participation of social movements such as the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Movement of Landless Rural Workers [MST]) and with the support of universities, the discussion around educational policies for the countryside begins to gain strength. In the years that followed, laws, decrees and resolutions were published and basic education for the rural population gained notoriety through programmes such as the Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (National Programme for Education in Agrarian Reform [PRONERA]), the Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Programme to Support Higher Education in Rural Education [PROCAMPO]) and the Programa Nacional de Educação do Campo (National Programme for Rural Education [PRONACAMPO]).
KEYWORDS: Education. Rural Education. Memory. Public Policies.

1 I INTRODUÇÃO

A motivação para a escrita deste artigo está ancorada nas lembranças do autor, enquanto ex-aluno de uma escola da zona rural. Destaca-se que o mesmo estudou somente um ano na escola rural, mas, como sendo a primeira experiência enquanto estudante, guardou algumas recordações, pois foi nessa instituição que fez as primeiras garatujas e, posteriormente, a escrita do seu nome. Após alguns anos, iniciou o curso de formação de docente e foi nesta época que ouviu e estudou brevemente sobre a educação do campo.

Em 2015, foi convidado para lecionar a disciplina de História em uma escola considerada do Campo, no distrito de Caixa de São Pedro, no município de Apucarana. Na ocasião, trabalhou com as turmas do ensino fundamental II (6º ao 9º ano), tendo como mantenedora a Secretaria Municipal de Educação. Vale ressaltar que o ensino fundamental II é de responsabilidade da Secretaria Estadual de Educação, entretanto, por conta da reivindicação da comunidade, o município custeava os alunos nessa escola.

Partindo dessas experiências, a educação do campo sempre foi objeto de interesse e, por meio desse artigo, será possível aprofundar as discussões sobre o tema. Nesse sentido, pode-se perguntar: como se constituíram as políticas educacionais para educação do campo? Para tanto, os objetivos elencados foram: compreender de que forma se constituíram as políticas educacionais para a educação do campo; evidenciar a trajetória histórica da educação do campo; apresentar lembranças históricas de um ex-aluno de uma escola rural; identificar quais são as políticas educacionais para o campo e suas finalidades.

A discussão a respeito da educação do campo tem sido feita por inúmeros autores como: Caldart, (2002), Soares (2002) Munarim (2008), Molina e Antunes-Rocha (2014), Santos e Silva (2016) e Santos (2017). Cabe lembrar que, as discussões sobre a temática se fortaleceram no final do século passado e nas primeiras décadas do século presente.

Para atingir os objetivos e responder à pergunta central deste trabalho, foi realizada pesquisa bibliográfica e documental e a evocação da memória. A pesquisa bibliográfica segundo Gil (2010, p. 24), “consiste em pesquisa bibliográfica porque se baseou em materiais já publicados, compostos especialmente por livros, revistas, artigos científicos, dissertações, teses e por informações especializadas em sites.” Corroborando com as afirmações de Gil (2010), Pizzani *et all* (2012, p.54) destaca que uma pesquisa bibliográfica:

> é compreendida como revisão da literatura, sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes.

Com relação à pesquisa documental, segundo Simionato e Soares (2014), ela abrange vários documentos, porém, para esta pesquisa, foram consultadas as legislações que dizem respeito à educação do campo. Conforme as autoras, “os documentos escritos são ricas fontes de pesquisa documental e também os mais utilizados. Estes são exclusivamente encontrados e não produzidos pelo pesquisador, quando se trata de pesquisa documental” (SIMIONATO; SOARES, 2010, p.76).

Além dos instrumentos de pesquisa citados acima, considerou-se também a memória, a fim de que, através das lembranças, seja possível evidenciar um acontecimento que não está escrito, mas que está apenas na memória individual ou coletiva. Para Lara (2016, p.1) “a memória pode ser entendida popularmente como a capacidade que o ser humano tem de conservar e relembrar experiências e informações relacionadas ao passado”. Nessa perspectiva, há uma seção dedicada a relembrar o primeiro ano de estudo do autor deste artigo que ocorreu em uma escola rural.

2 | BREVE TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO RURAL

A educação brasileira, desde o início da colonização sempre foi excludente e, infelizmente, continua até os dias atuais. Segundo Breitenbach (2011, p. 117), “para o Brasil, que foi colônia de exploração durante mais de 300 anos, o desenvolvimento de um sistema educacional não era considerado prioridade”. Na verdade, não era prioridade para os colonizados, mas para os filhos dos colonizadores a educação era garantida em seus países de origem.

A agricultura, por muitos anos, foi a base econômica do Brasil. Posteriormente, a atividade agrícola deixou de ser essencial na economia brasileira e entrou em cena a industrialização, que ocorreu, em especial, nos centros urbanos. Contudo, a educação não era vista como necessária, pois para lidar com a terra era preciso força braçal e não saber ler e escrever. Essa realidade perdurou por muitos anos. A lembrança do autor rememora ao fato de que sua mãe, certa vez, relatou que seu pai preferiu que a mesma trabalhasse na roça ao invés de frequentar os bancos escolares.

A história da educação rural no Brasil, revela que a mesma se iniciou tardiamente. Soares (2002), destaca que a educação rural é mencionada pela primeira vez na constituição de 1934. Nesse sentido, as pessoas que moravam no campo, foram excluídas das políticas educacionais, ou seja, antes de 1934 não se pensava uma educação voltada para atender aos interesses do homem e da mulher do campo.

Para Soares (2002), a preocupação com a educação rural entra em cena no início do século XX como forma de conter o êxodo rural e ampliar a produtividade do campo. Foi preciso criar medidas para conter a população rural, pois essa, via na crescente industrialização uma saída para melhorar sua condição de vida e garantir um futuro melhor para os filhos. Na década de 30, as condições no meio rural eram difíceis e sem perspectiva.

Sob essa lógica, em 1934 a educação rural começa a ganhar destaque nos documentos oficiais com a inclusão, na legislação brasileira, de recurso para as escolas localizadas na zona rural, como mostra o art. 156:

> a União e os Municípios aplicarão nunca menos de dez por cento, e os Estados e o Distrito Federal nunca menos de vinte por cento, da renda resultante dos impostos na manutenção e no desenvolvimento dos sistemas educativos (BRASIL, 1934).

A Carta Magna de 1934 ressaltava que, para a realização do ensino nas zonas rurais, a União reservaria, no mínimo, vinte por cento das cotas destinadas à educação no respectivo orçamento anual. A partir de então, a educação do campo começa a ganhar notoriedade, porém, isso não significa que houve avanços no sistema de educação dos povos do campo, pois sempre ficavam à margem das legislações. Para afirmar que a educação do campo não contava com os mesmos recursos que a educação ofertada na cidade, no próximo tópico haverá um relato de experiência de um ex-aluno de uma escola rural.

As primeiras iniciativas para a escola rural começaram em 1934, mas foi a Constituição de 1937 que decretou a importância do ensino profissional para as pessoas que residiam na cidade. O governo deveria criar institutos profissionalizantes em parcerias com indústrias e comércios. Porém, a mesma parceria não ocorreu na educação do campo. As empresas agrícolas que trabalhavam com os produtos do campo não forneciam cursos técnicos para os estudantes das escolas localizadas na zona rural. De acordo com Soares (2002), a não parceria do Estado com as empresas agrícolas demonstrava um desinteresse do Estado com a aprendizagem rural.

Em 1946, tem-se a "Lei Orgânica do Ensino Agrícola, objeto do Decreto-Lei 9613, de 20 de agosto de 1946" (SOARES, 2002, p. 40). Com esse Decreto-Lei, o governo criou cursos de nível técnico para formação de jovens trabalhadores no campo. Porém, os cursos em nível técnico não contavam com a parceria entre a escola e as empresas agrícolas.

A emenda constitucional de 1967, aprovada em 1969, não alterou em nada o ensino rural e reafirmou aquilo que já havia de 1946. A Lei 4024/61 não trouxe grandes

preocupações, entretanto, recomendava formação específica para professores que atuam na educação primária na escola rural e tornava obrigatório que as empresas agrícolas com mais de 100 funcionários mantivessem o ensino primário gratuito aos seus servidores e filhos (SOARES, 2002).

A Lei 5692/71, igualmente à lei anterior, não trouxe grandes mudanças para a escola rural. Vale ressaltar que essa lei estava vigente quando o país encontrava-se em plena intervenção militar. Nesse período, a população e, principalmente os movimentos sociais, não eram consultados para contribuirem na construção dessas leis.

Soares (2002) ressalta que a Lei 5692/71 prevê:

> adequação do período de férias à época de plantio e colheita de safras e, quando comparado ao texto da Lei 4024/61, a 5692 reafirma o que foi disposto em relação à educação profissional. De fato, o trabalho do campo realizado pelos alunos conta com uma certa cumplicidade da Lei, que se constitui a referência para organizar, inclusive, os calendários. (SOARES, 2002, p. 49).

Sendo assim, chega-se à Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, expressando, de modo geral, que a educação é "direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1988).

Além do artigo 205 da Magna Carta brasileira, o artigo 28 da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN) destaca as especificidades da educação rural:

> art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:
>
> I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
>
> II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
>
> III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL,1996).

Ainda com relação ao art. 28 da LDBEN, foi preciso incluir a Lei nº 12.960 que afirma:

> o fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas será precedido de manifestação do órgão normativo do respectivo sistema de ensino, que considerará a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, a análise do diagnóstico do impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar. (BRASIL, 2014).

Além das referidas leis supracitadas, é importante destacar as Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo 2002, que servem de norte para a Política de Educação do Campo conforme a legislação educacional vigente. A Resolução Nº 2 de 28 de abril de 2008, estabelece diretrizes complementares com normas e princípios para o

desenvolvimento de Políticas Públicas de atendimento a educação básica do campo.

3 I LEMBRANÇAS DA ESCOLA MUNICIPAL RURAL DUQUE DE CAXIAS

Não pretende o autor, nessa seção, discorrer especificamente sobre sua vida escolar enquanto estudante da escola rural, mas sim deixar alguns relatos que permanecem vivos na memória enquanto ex-aluno da mesma. Conforme Polon (2014), o breve relato de experiência dialoga com o tema, o qual indica que o pesquisador não está separado do objeto pesquisado. Realmente, quando se pensa em pesquisar algo, é de suma importância que o tema parta da curiosidade ou das vivências de quem vai realizar a pesquisa a fim de que se torne menos enfadonha.

Com relação à questão da memória e das lembranças, é válido registrar os dizeres de Thompson (1992 p.17): "a memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos". Além de Thompson (1992), Pinski (2006, p. 167) afirma que "a memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção da sua identidade". Concordando com esses autores, é essencial manter e, principalmente, registrar a memória e as lembranças daqueles que um dia estudaram, estudam e até mesmo trabalharam ou trabalham em uma escola do campo, pois na coletividade é que se consegue identificar os avanços e retrocessos dessa comunidade escolar.

Sob essa perspectiva, Polon (2014, p.15) *apud* Souza (2010, p.93) diz "é comum a origem camponesa entre aqueles que tendem a fortalecer a Educação do Campo" e, nessa acepção, é necessário manter vivas as lembranças da sua origem, principalmente daqueles que um dia fizeram parte da vida camponesa. É por meio das lembranças coletivas que muitos lutam por uma educação do campo de qualidade e travam inúmeros debates e produção científica acerca do tema. Sem os debates e as reflexões, com certeza, não haveria nos dias atuais o mínimo de qualidade nas poucas escolas do campo que ainda existem.

Diante do exposto, registra o autor deste, seu primeiro dia de aula no ano de 1995, na Escola Municipal Rural Duque de Caxias. Nesse dia, ao retornar para casa com os caderninhos, lápis de escrever e cor, rabiscou algumas folhas, pois até aquele momento nunca tinha frequentado uma sala de aula, ou seja, iniciou sua vida escolar direto no primeiro ano do ensino fundamental, das séries iniciais, sem antes frequentar a pré-escola ou algo similar. A falta de uma experiência escolar anterior, o levou a usar de maneira incorreta os cadernos, pois, esses materiais, até então, não faziam parte do seu cotidiano.

Importante salientar que, todas as crianças que moravam naquela região não tinham a oportunidade de frequentar a pré-escola. Nessa época, as crianças ingressavam com sete anos de idade na escola, embora a Constituição Federal de 1988, em seu art 227, ressalte que a educação é:

> dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao

> adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade.

Além da Constituição Federal de 1988, vale frisar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 compartilha da mesma ideia da referida Constituição, proclamando que a criança pequena tem direito à educação, sendo esta compartilhada pela família e pelo Estado. Ao Estado é atribuído o dever, sobretudo, da oferta de vagas em instituições de Educação Infantil:

> a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (art. 5º, BRASIL, 2009c)

Mesmo após sete anos da aprovação da Constituição Federal de 1988, o Estado não estava cumprindo o que determinava a sua própria lei, pois a educação infantil naquela localidade não foi assegurada, ou seja, na Escola Rural Duque de Caxias não se ministrava aulas para as crianças pequenas. Fato é que toda a comunidade não frequentou essa etapa da educação.

Ainda sobre a importância de frequentar a Educação Infantil do campo, nas palavras de Santos *et all* (2014, p.12) "propõe-se a ser uma educação em que a criança possa identificar-se enquanto sujeito parte daquele espaço, livre nos seus momentos de criar e recriar os diferentes significados que dão às coisas e ao mundo". Sendo morador do campo, o ex-aluno vivenciou muitas experiências que outrora não se encontra em outros lugares.

Não ter frequentado a educação infantil deixou certas lacunas em sua aprendizagem. Como já citado, não possuía apenas dificuldades em manusear corretamente os cadernos, como não sabia escrever o próprio nome. Levou todo o ano letivo de 1995, como se fosse a pré-escola e não o contrário. No ano seguinte, tornou a repetir a primeira série, porém, em outra escola, desta feita localizada na zona urbana, pois a Duque de Caxias não existia mais, como se verá adiante.

Voltando ao foco, a Escola Rural Municipal Duque de Caxias estava localizada na Estrada da Jangadinha. O prédio não parecia uma escola e sim uma grande sala sem a devida infraestrutura, ou seja, carente das repartições conhecidas como: sala de professores, secretaria, biblioteca, banheiros feminino/masculino, cozinha, almoxarifado, etc. O salão denominado de escola não possuía as características de uma instituição de ensino.

A falta de infraestrutura, de certa forma, prejudicava o ensino/aprendizagem, pois carecia de livros de leitura e didáticos, materiais pedagógicos, entre outros, que comumente são encontrados nas escolas localizadas na zona urbana. A esse respeito, Polon (2014), destaca que:

> é evidente o esquecimento ou não reconhecimento dos povos do campo e das escolas no que se refere à infraestrutura adequada, resultando em prejuízo pedagógico para um elevado número de educandos, que muitas vezes somente têm esse espaço como alternativa para estudar. As dificuldades de acesso por parte de professores e educandos aos recursos de ensino acabam gerando um prejuízo no ensino. (POLON, 2014, p. 65).

Realmente, as crianças que frequentavam a escola supracitada contavam somente com esse espaço como alternativa para estudar. Entretanto, o mesmo não fornecia as devidas condições e materiais que poderiam enriquecer as aulas e contribuir com o processo de ensino aprendizagem dos educandos.

Por conta da infraestrutura, a Escola Rural Duque de Caxias abrigava em uma única sala alunos de séries diferentes, ou seja, a escola funcionava de forma multisseriada. A turma era de aproximadamente 25 alunos, sendo uma parte da primeira série e outra parte da segunda série, isso no período vespertino. No período matutino havia os alunos da terceira e quarta série e somente uma aluna da segunda série.

Para ministrar os conteúdos, a professora dividia a lousa em duas partes: uma parte se destinava aos alunos da primeira série e outra para os alunos da segunda série. A professora sempre designava alguns alunos da segunda série para ajudar aqueles alunos com dificuldades que estavam na primeira série.

Rodrigues (2016, p. 301), falando sobre sala multisseriada, ressalta que "cabe ao professor criar possibilidades para que cada aluno consiga atingir a materialização do conhecimento". Desta forma, a professora contava com ajuda dos alunos adiantados para minimizar os prejuízos na aprendizagem daqueles que se encontravam em processo de aquisição do conhecimento.

Outra dificuldade da escola multisseriada é com relação à sua organização pedagógica, nas palavras de Rodrigues (2016, p. 300): "era um desafio constante, não havia apoio permanente e nem apoio da secretaria de educação do município, fazendo com que eu tivesse um trabalho burocrático muito grande". Na escola Duque de Caxias não era diferente. Toda a organização da mesma ficava a cargo da professora regente, que ao mesmo tempo atuava como professora, diretora e coordenadora pedagógica.

Entretanto, mesmo com os problemas de infraestrutura, o prédio da escola contribuía para atender outras necessidades da comunidade como, por exemplo: aos sábados à noite, ia um padre da cidade para celebrar a missa; servia como posto de vacinação em épocas de campanhas, capela mortuária, reuniões e festejos da comunidade. Assim como as escolas urbanas, seus prédios serviam como referência para atender outros interesses da comunidade como: entrega de leite, colégio eleitoral em época de eleição, ponto de vacinação em épocas de pandemias, entre outros.

Além das lembranças da escola e dos acontecimentos diários no tocante ao ensino aprendizagem, outras lembranças estão atreladas ao fato de ter estudado em uma escola rural. Entre elas, destaca-se o caminho para a escola, percorrido todos os dias a pé e

sozinho e, algumas poucas vezes, na companhia de alguns colegas de sala. Durante a caminhada até a escola, contemplava-se os animais selvagens, domésticos, enfim, a natureza em geral. Dificilmente encontrava-se algum caminhão ou carro.

Viver no campo tem suas particularidades e uma identidade própria, pois, no meio rural, os alunos vivenciam diariamente inúmeras experiências que não acontecem na cidade. O estudante camponês tem a oportunidade de, na prática, cultivar a terra, cuidar de animais, meio ambiente, conhecer o ciclo da plantação bem como da colheita. Todos os saberes construídos no campo são fundamentais para a própria sobrevivência dos seus moradores.

Desta forma, é de suma importância que a educação nas escolas do campo observe e compreenda todo o seu contexto. Para Pereira e Calisto (2016) *apud* Souza (2009):

> a educação no campo não evidencia apenas o lugar, mas seus sujeitos e suas práticas. Portanto, defendemos uma concepção de Educação do Campo que valorize os conhecimentos da prática social dos camponeses, enfatizando o campo como lugar de moradia, trabalho, sociabilidade, lazer, identidade, um lugar de construção de novas possibilidades de (re) produção social e desenvolvimento sustentável. (PEREIRA e CALISTO, *apud* SOUZA, 2009, p.54).

Conforme os autores, é básico que a educação na escola localizada no campo aconteça de forma harmoniosa com a vida de seus moradores e com vista à valorização da prática social que ocorre nesses locais. Entretanto, além da valorização da prática social dos camponeses, é fundamental que os conhecimentos gerais sejam evidenciados juntamente com os conhecimentos práticos.

Por fim, o ano de 1995 encerrou-se e o ex-aluno relata não ter conseguido ser aprovado para a série seguinte. Em 1996, a Escola Rural Municipal Duque de Caxias, por determinação da sua mantenedora a Secretaria Municipal de Educação do município de Apucarana, encerrou suas atividades. Com seu fechamento, os estudantes foram obrigados a estudar na escola do Distrito de Pirapó e uma nova trajetória começou.

Para chegar à escola do distrito, os alunos precisavam enfrentar a estrada rural que, além dos perigos da rodovia, ficava intransitável com as chuvas. O transporte era feito por uma kombi com motorista terceirizado. Certa ocasião, o município não pagou o motorista que, em forma de protesto, levou os alunos até a escola, mas se negou a trazê-los de volta para casa no final do dia, sendo necessário que cada pai buscasse seu filho na escola.

Esse relato, embora trate de um caso singular, retrata, em parte, a realidade das escolas do campo. Intenciona-se chamar a atenção para a necessidade de luta para assegurar o direito à educação aos povos do campo, considerando a história, a identidade das comunidades e a carência de materialização de políticas e ações para a educação do campo, objeto da seção seguinte.

4 | POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO SÉCULO XXI

Conforme evidenciado na primeira parte deste artigo, a educação do campo percorreu um longo caminho, atravessando anos e anos sem uma proposta ou políticas educacionais que atendessem seus anseios, ou seja, que evidenciassem uma educação sólida voltada para as pessoas que residem no meio rural. Por conta do abandono e do descaso dos governantes ao longo dos anos, ao que se refere à educação, as pessoas que moravam na zona rural estudavam nas escolas urbanas ou não frequentavam escola nenhuma. Com a falta de iniciativas educacionais para as escolas rurais, o analfabetismo aumentou consideravelmente, provocando um abismo educacional entre os que moram no campo e os que moram na cidade.

Contudo, mesmo com a ausência de políticas educacionais para o campo, os camponeses sempre se mantiveram unidos por meio dos movimentos sociais que lutaram e lutam não só pela educação do campo, mas pela terra, por dignidade, respeito e trabalho. Sobre isso, Silva (2012) ressalta:

> com a negligência do Estado em relação às escolas rurais, as próprias comunidades se organizaram para criar escolas e garantir a educação de seus filhos, contando, algumas vezes, com o apoio da Igreja, de outras organizações e movimentos sociais comprometidos com a educação popular. (SILVA, 2012, p.317)

Desta forma, a educação do campo vem resistindo às investidas dos latifundiários que concentram grande parte da agricultura em suas mãos, ou seja, nas mãos de poucos. É por meio da educação que parte dos camponeses resistiram e perseveraram firmes na busca de uma educação de qualidade para o campo, a qual contribui para a construção da identidade camponesa no seu local de vivência. Mazoyer e Roudart (2010, p. 48) afirmam que “os agricultores menos equipados e os menos produtivos viram sua renda desintegrar-se. Incapazes de investir e de se desenvolver, foram condenados ao atraso e à consequente eliminação”. Por conta da desigualdade entre os pequenos e os grandes proprietários de terras e a falta de incentivos, os filhos dos camponeses estão perdendo o interesse pela vida do campo buscando, assim, outras alternativas fora do meio rural.

Nessa perspectiva, Munarin (2008, p.58) destaca que “a sociedade brasileira não tem a questão agrária na devida importância”. Nesse sentido, entre as questões agrárias destaca-se a educação dos camponeses, os quais foram excluídos por muito tempo do processo educacional pois, no ideário da sociedade brasileira, prevalecia a visão urbano-industrial, ou seja, as atenções concentravam-se no fortalecimento da indústria e no desenvolvimento das cidades.

No entanto, através dos movimentos sociais, buscou-se superar a arcaica educação rural que por anos serviu para conter os camponeses no que tange aos seus direitos e também para diminuir o êxodo rural. Em resumo, a educação rural não tinha o interesse de emancipar culturalmente os povos do campo.

Após um longo período de descaso com a educação do campo por parte do Estado brasileiro e, claro, após anos de lutas e resistência, a educação do campo começa a enxergar uma luz no final do túnel. Essa luz significa que, depois de anos, a educação do campo começa a escrever uma nova história por meio de políticas públicas específicas.

Antes de destacar as políticas públicas para a educação do campo, registra-se a atuação dos movimentos sociais e entidades que desde sempre apoiaram a educação do campo como afirma Santos (2017):

> no final dos anos 90, presenciamos a criação de diversos espaços públicos de debate sobre a educação do campo, como por exemplo: o I Encontro de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA), em 1997, organizado pelo MST e com apoio da Universidade de Brasília (UnB), entre outras entidades. (SANTOS, 2017, p. 2015).

Como é notável no fragmento acima, os debates sobre a educação do campo tiveram início na década de 1990, colocando em pauta uma educação pensada e voltada para o campo, ou seja, uma educação com currículo e proposta pedagógica para esse público, sem perder de vista as questões à volta da posse da terra. Vale ressaltar que, quando se fala em educação do campo, não se fala em uma educação alienada do resto do mundo, e sim de uma educação que valorize o camponês e sua luta e que, ao mesmo tempo, acompanhe as inovações tecnológicas, por exemplo.

Conforme os documentos oficiais, a educação do campo, a partir de 2001, é pensada e contemplada com políticas públicas específicas para o campo, sem perder de vista as reinvindicações dos movimentos sociais e outras entidades que estão engajadas em buscar qualidade e dignidade para a educação do campo. Segundo Munarim (2008):

> primeira década do século 21 é intensa de fatos e acontecimentos concernentes à questão da Educação do Campo. Embora a militância efetiva de alguns movimentos e organizações sociais tenha se iniciado um pouco antes, na segunda metade da década anterior, é nesta que os sujeitos coletivos do campo definem um projeto de educação escolar pública para o meio rural brasileiro. (MUNARIM, 2008, p. 52).

Concordando com Munarim (2008), o início do século XXI foi intenso para a educação do campo. É nesse século que políticas educacionais para o campo ganham contornos mais fortes. Desse modo, e de forma condensada, serão mostradas as políticas educacionais do campo.

Como políticas públicas para a educação do campo existem: o PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, o PROCAMPO (Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo) e o PRONACAMPO (Programa Nacional de Educação do Campo).

Em 2002, o Conselho Nacional de Educação aprovou as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo por meio da Resolução CNE/CEB n. 1,

de abril de 2002. Essas diretrizes, segundo Loffier (2013, p.78) "contemplam e refletem um conjunto de preocupações conceituais e estruturais presentes historicamente nas reivindicações dos movimentos sociais", pois o Plano Nacional de Educação de 2001 não valorizava diversidade dos povos do campo.

De acordo com Molina e Antunes-Rocha (2014, p. 229), o PRONERA "foi gestado no I Encontro Nacional das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária, em 1997". O referido programa foi instituído em 1998 por meio da Portaria nº. 10/98 do Ministério Extraordinário de Política Fundiária. O programa propõe e apoia projetos de educação voltados para o desenvolvimento das áreas de reforma agrária (BRASIL, 2004).

Contudo, somente no ano de 2010 que o PRONERA se reafirmou como política pública pelo Decreto nº 7.352 (BRASIL, 2010). Segundo Santos e Silva (2016, p. 139), "o Decreto 7.352 representa um marco na história da educação do campo, uma vez que conceitua as populações camponesas e define escola do campo".

Ainda conforme Molina e Antunes-Rocha (2014), o PRONERA foi ampliando paulatinamente seu campo de atuação dentro de uma perspectiva de educação do campo, ou seja, iniciou com a alfabetização e formação de educadores no contexto dos assentamentos. Em seguida, o programa passou a ofertar o ensino fundamental, anos finais e o ensino médio, possibilitando aos jovens e adultos que se alfabetizavam, concluir a educação básica e prosseguirem seus estudos em cursos profissionalizantes e superiores.

Segundo os autores supracitados, todo o desenvolvimento do programa contou com a participação dos movimentos sociais e sindicais, onde valorosas contribuições, experiências e práticas foram compartilhadas, contribuindo significativamente para o progresso e expansão da Educação do Campo em todo País.

Seguindo com as demandas dos movimentos sociais em relação à educação do campo, em 2007 o Ministério da Educação, pela iniciativa da então Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD, cria o PROCAMPO (Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo). Para Santos e Silva (2016, p. 140) "o programa surge por meio de parcerias com as Instituições Públicas de Ensino Superior e objetiva viabilizar a criação de cursos de Licenciatura em Educação do Campo". Esse programa reforça a importância de formar pessoas do próprio meio com o qual tenham identidade ou se identifiquem com as demandas da educação do campo.

Por fim, a Portaria nº 86 de 1º de fevereiro de 2013 institui o PRONACAMPO (Programa Nacional de Educação do Campo). Esse programa é visto como portaria, mas ele faz parte do Decreto nº 7.352. Seu propósito é oferecer apoio financeiro e técnico para viabilização de políticas públicas no campo (BRASIL, 2013). Segundo o documento, o PRONACAMPO é:

> um conjunto de ações articuladas que asseguram a melhoria do ensino nas redes existentes, bem como, a formação dos professores, produção de material didático específico, acesso e recuperação da infraestrutura

> e qualidade na educação no campo em todas as etapas e modalidades. (BRASIL, 2012, p. 04).

O PRONACAMPO está estruturado em quatro eixos: Gestão e Práticas Pedagógicas, Formação de Professores, Educação de Jovens e Adultos e Educação Profissional e Tecnológica e o eixo de Infraestrutura Física e Tecnológica (BRASIL, 2012). Por meio dos quatro eixos, é possível dizer que as escolas do campo são contempladas com os mesmos materiais e recursos das instituições de ensino localizadas na zona urbana.

Nesse aspecto, segundo a estruturação do PRONACAMPO, os estudantes das escolas do campo e populações quilombolas terão as mesmas oportunidades de receber em suas escolas materiais pedagógicos e específicos, como livros de literatura para compor bibliotecas e livros didáticos. Esse mesmo programa também oferece formação de professores pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), expansão da educação de jovens e adultos e fortalecimento do ensino profissional e tecnológico. Além disso, o programa oportuniza ajuda financeira e técnica para construção de novas escolas, inclusão digital e transporte escolar intra-campo (BRASIL, 2013).

Diante do exposto, a educação do campo foi, aos poucos, ganhando espaço nas agendas políticas dos governantes brasileiros, após as inúmeras lutas e reivindicações dos camponeses, os quais encontraram forças nos movimentos sociais. Mesmo com os direitos garantidos nos documentos oficiais, é importante que os envolvidos com a educação do campo permaneçam em vigilância quanto ao cumprimento das leis, para que não haja retrocessos.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa, foi possível conhecer a trajetória histórica da educação do campo, os sujeitos que nela estão inseridos e as políticas educacionais para o campo, as quais foram por muitos anos negadas pelo poder público. Ainda sobre a educação no campo no Brasil, percebe-se que a mesma começou a ganhar novos olhares a partir da Constituição Federal de 1988 e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996.

Antes da Constituição de 1988, a primeira vez que a educação para os povos da zona rural é mencionada em uma legislação é na Constituição de 1934, quando a União, os Estados e os Municípios destinaram recursos para a educação rural. Outrossim, vale destacar que a lógica da educação rural está pautada em alfabetizar os indivíduos que residem no campo. A educação rural foi estabelecida para conter o êxodo rural, ou seja, a saída das pessoas da roça para a cidade. Com a intenção de conter os indivíduos na zona rural, a educação para eles era pensada e executada tendo como parâmetro a educação aplicada nas escolas urbanas.

Entretanto, esse modelo de educação para a zona rural, não conseguiu atender as necessidades da população rural, pois faltavam escolas. Desta forma, as pessoas tinham

que se deslocar para outras localidades distantes para concluírem os estudos. Também por meio das legislações, averígua-se que a proposta pedagógica destinada às escolas urbanas, tendo a indústria como modelo de desenvolvimento, não condizia com a proposta de educação rural, observando-se o abismo entre a educação rural e urbana, pois não era considerada a diversidade dos povos.

Todavia, a partir dos anos de 1980, por meio dos movimentos sociais, debates e conflitos desencadeados, surgiram mudanças de nomenclatura, de perspectiva e de concepção de homem, escola, saberes, mundo, trabalho e, sobretudo, o modo de pensar a educação rural, que passa a ser educação do/no campo. Somente a Constituição de 1988 e a LDBN de 1996 não foram suficientes para garantir a educação do campo.

Mas como o sistema é moroso, foi preciso mais alguns anos para as políticas educacionais para o campo ganharem força. Pois em 1995, quando o autor deste artigo iniciou sua trajetória de estudante na primeira série, a escola na qual foi matriculado, localizava-se em um sítio na zona rural do município de Apucarana. Nessa perspectiva, é válido ressaltar que a escola utilizava umas carteiras velhas e praticamente nada de materiais pedagógicos.

Foi nas primeiras décadas do século XXI que a educação do campo ganhou novos contornos. No ano de 2002, foram instituídas as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, onde a mesma constitui-se como referência para a Política de Educação do Campo. A partir de então, destacam-se as leis, decretos e resoluções que visam estabelecer e fortalecer o conceito de educação do campo, partindo da própria realidade dos indivíduos que ali residem.

Enfim, diante de todo o percurso da educação do campo, vale salientar que a escola do campo tem um papel fundamental na vida dos pequenos camponeses, com o propósito de preservar suas origens, mas também refletir sobre a sua função social diante de mundo capitalista onde o agronegócio pretende dominar e invadir as pequenas propriedades familiares em nome do lucro. A educação do campo deve sempre lembrar das lutas travadas que deram origem a sua concepção.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil de 1988.** Disponível em Https://www. planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 de abr. 2020.

_______. **Constituição Federal do Brasil de 1934**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em 25 abr. 2020.

_______. Parecer 36/2001 da CEB/CNE – **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.** Brasília, DF. 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 25 de abr. de 2020.

______. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). **Programa nacional de educação na reforma agrária** (Pronera): manual de operações. Brasília, 2004.

______. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9394/1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 20 de abr. de 2020.

______. **Lei 12.960/2014**. Disponível em: http:// www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-/2014/Lei/L12960.htm#art1. Acesso em: 20 de abr. de 2020.

______. MEC. **Programa nacional de educação do campo**: PRONACAMPO. Brasília/DF: MEC, março de 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13214-documento-orientador-do-pronacampo-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 de abr. 2020.

______. MEC. **Portaria nº 86 de 1º de fevereiro de 2013**. Institui o Programa Nacional de Educação do Campo - PRONACAMPO, e define suas diretrizes gerais. Brasília/DF: GABINETE DO MINISTRO. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13218-portaria-86-de-1-de-fevereiro-de-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 de abr. 2020.

______. **Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010**. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Diário Oficial da União, Brasília, Sessão1, 5 nov. 2010. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2010/decreto-7352-4-novembro-2010-609343-norma-pe.html. Acesso em: 20 de abr. 2020.

______. Ministério da Educação e Cultura. **Resolução CNE/CEB nº 02, de 28 de abril de 2008–** Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/resolucao_2.pdf> Acesso em: 20 abr. 2020.

BREITENBACH, Fabiane Vanessa. A Educação do Campo no Brasil: uma história que se escreve entre avanços e retrocessos. **Revista espaço acadêmico** (UEM), v. 10, p. 116-123, 2011.

CALDART, R. S. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, E. J.; CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (Orgs.). **Educação do campo**: identidade e políticas públicas. Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, Coleção Por Uma Educação do Campo, nº 4, 2002. p. 25-36.

HAUDT, F. M.; RIVATTO, L. B. Diretrizes operacionais para a educação básica do campo e as políticas públicas para a educação. In: **I Seminário internacional e I fórum de educação do campo da região Sul do RS**: campo e cidade em busca de caminhos comuns. v. 1, p. 1, 2012., 2012, Pelotas/RS.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas.** 4. ed. 11. reimpressão. São Paulo: Atlas, 2010.

LARA, C. B. Q. A importância da memória para a construção da identidade: o caso da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS. *In*: **XIII Encontro regional de história - ANPUH/MS,** 2016, Coxim/MS. Anais Eletrônicos do XIII Encontro Regional de História - ANPUH/MS, 2016.

LOFFIER, D. **Educação infantil na escola do campo:** O que as crianças nos sinalizam sobre este contexto. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p.116. 2013.

MOLINA, M. C.; ANTUNES-ROCHA, M. I. Educação do campo: História, práticas e desafios no âmbito das políticas de formação de educadores – reflexões sobre o Pronera e o Procampo. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.22, n.2, p.220-253, jul./dez.2014.

MAZOYER, Marcel e ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo**: do neolítico a crise contemporânea. São Paulo/Brasília, UNESP/NEAD,2010.

MUNARIM, A. Trajetória do movimento nacional de educação do campo no Brasil. **Educação Santa Maria** (UFSM), v. 33, n.1, p. 57-72, jan./abr. 2008.

PEREIRA, M. F. R.; CALISTO, S. F. R. Elementos Orientadores para a Formação de Professores das Escolas Localizadas no Campo no Município de Araucária/PR. In: Maria Antônia de Souza. (Org.). **Escolas do públicas no/do campo. Letramento, formação de professores e prática pedagógica.** 1ed.Curitiba: Tuiuti (Universidade Tuiuti do Paraná), 2016, v. 1, p. 113-138.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas** Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). 2. Ed. Contexto. São Paulo, 2006, p.167.

PIZZANI, *et all.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista digital de biblioteconomia & ciência da informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

POLON, Sandra Aparecida Machado. **A regulação e a emancipação em escolas públicas localizadas no campo-** 2014. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2014.

RODRIGUES, Fabiana Aparecida Franco. Experiencias vividas em uma escola multisseriada In: **Escolas públicas no/do campo: letramento, formação de professores e práticas pedagógicas.** Org. Maria Antônia de Souza. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2016. p. 295-302.

ROCHA, Felipe C. História da construção da educação do campo na Argentina, Brasil e Paraguai e a escola do campo na tríplice fronteira. *In*: II Simpósio Pensar e Repensar a América Latina, 2016, São Paulo. **Anais do II simpósio internacional pensar e repensar a América Latina**, 2016.

SANTOS, *et all*. A educação infantil do campo na perspectiva da valorização da criança enquanto sujeito do campo. In: **IV Seminário de grupos de pesquisa sobre crianças e infâncias: ética e diversidade na pesquisa**, 2014, Goiânia. IV GRUPECI - Anais. Goiânia: UFG, 2014. v. 1. p. 2-2.

SANTOS, Ramofly Bicalho Dos. História da educação do campo no Brasil: o protagonismo dos movimentos sociais. **Teias** (Rio de Janeiro), v. 18, p. 210-224, 2017. (out./dez).

SANTOS, Ramofly Bicalho dos; SILVA, Marizete Andrade da. Public policies for rural education: Pronera, Procampo and Pronacampo. **Revista eletrônica de educação** (São Carlos), v. 10, p. 145-154, 2016.

SILVA, M. V.; SILVA JUNIOR, A. Políticas Educacionais para a Educação do campo: dimensões históricas e perspectivas curriculares. Revista **histedbr on-line**, v. 47, p. 314-332, 2012.

SIMIONATO, Marta Maria; SOARES, Solange Toldo. **Teoria e metodologia da pesquisa educacional:** Ponto de partida para o trabalho de conclusão de curso. Unicentro, 2010.

SOARES, Edla de Araújo Lira. Relatório. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília: MEC/CNE, 2002. In.: **Por uma educação do campo: identidade e políticas públicas**. V. 4. Brasília, 2002, p. 32-55.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

CAPÍTULO 4

O PODER BRANDO COMO ARMA DE SEDUÇÃO DO BIG STICK EM VOLTA REDONDA SOB A ÓTICA DA REVISTA EM GUARDA: PARA A DEFESA DAS AMÉRICAS (1941-1945)

Data de aceite: 01/09/2022
Data de submissão: 08/07/2022

Adson Luiz Trocades Pires
Volta Redonda RJ
Centro Universitário Geraldo di Biase
http://lattes.cnpq.br/5297255818982089

Matheus Campos Machado
Volta Redonda RJ
Centro Universitário Geraldo di Biase
http://lattes.cnpq.br/7752915847636471

Welder Barbosa Melquiades
Volta Redonda RJ
Centro Universitário Geraldo di Biase
http://lattes.cnpq.br/4443275460612158

> [...] deveis ter sempre em vista que é loucura o esperar uma nação favores desinteressados de outra, em que tudo quanto uma nação recebe como favor terá de pagar mais tarde com uma parte de sua independência. (George Washington, 1º presidente dos USA, 1759-1797).

RESUMO: A revista Em Guarda para a defesa das Américas serviu como uma arma de sedução norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial (política da boa vizinhança), com a intenção de estender os ideais capitalistas, suprir a demanda de aço dos países aliados e expandir o american way of life. Sob a responsabilidade de Nelson Rockfeller, foi criada a OCCIA que fez do Birô, o principal instrumento de penetração no Brasil. Em parceria com o DIP, estendeu as suas atividades no Brasil, contribuiu para a efetividade da filantropia e a circulação desse periódico corroborou para construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Durante a análise foi possível detectar o discurso e as representações construídas acerca da América Latina, encarada como um novo oeste a ser domado e civilizado. A Hegemonia surgiu como uma ação que foi exercida pelo consenso da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Hegemonia. Americanismo. Birô. CSN. Rockfeller.

THE SOFT POWER AS A WEAPON OF SEDUCTION OF THE BIG STICK IN VOLTA REDONDA FROM THE VIEW OF THE MAGAZINE IN GUARD: FOR THE DEFENSE OF THE AMERICAS (1941-1945)

ABSTRACT: The magazine Em Guarda para a Defesa das Américas asserved as a weapon of north-american seduction during World War II (good neighbor policy), with the intention of extending capitalist ideals, supplying the steeldem and of the allied countries and expanding the American way of life. Under the responsibility of Nelson Rockfeller, the OCCIA was created, which made the Birô the main instrument of penetration in Brazil. In partnership with the DIP, it expanded its activities in Brazil, contributed to the effective ness of philanthropy and the circulation of this periodic alsupported the construction of the Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). During the analysis, it was possible to detect the

discourse and representations builta bout Latin America, seen as a new West to be tamed and civilized. Hegemony emerged as anaction that was exercised by the consensus of society.
KEYWORDS: Hegemony. Americanism. Birô. CSN. Rockefeller.

INTRODUÇÃO

O presente projeto tem como objetivo analisar a revista **Em Guarda para defesa das Américas** buscando compreender os interesses norte-americanos por ocasião da construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda. No período de circulação (1942 a 1945), o periódico continha a promessa de civilizar a população brasileira de acordo com a visão de progresso e desenvolvimento. Portanto, a década de 1940 foi emblemática no sentido de persuadir tanto a classe dominante (os militares e políticos) quanto as demais esferas sociais, na difusão dos ideais propagados e defendidos pelos EUA. Essa iniciativa consistiu em utilizar a diplomacia dos Estados Unidos durante o período da Segunda Guerra Mundial, para diagnosticar os recursos estratégicos do Brasil, padronizar o estilo de vida norte americano como o modelo ideal (American Way of Life) e estender os ideais capitalistas.

Por meio de uma política de cooperação entre Brasil e Estados Unidos, o processo de industrialização no Vale do Paraíba previa a construção do maior complexo siderúrgico da América Latina (CSN) com a intenção de suprir a demanda de aço dos países aliados, durante a Segunda Guerra Mundial (CORSI, 1999, p. 146-64).

Segundo Morel, a escolha da localidade para a construção da CSN ocorreu por três fatores fundamentais: Técnico: região situada entre o eixo Rio - São Paulo, próximo aos centros consumidores, além de possuir água fluvial em abundância e, ainda, o baixo custo do frete e mão de obra. Militar: área distante o suficiente das costas marítimas. Político: o estado do Rio de Janeiro era governado por Ernane do Amaral Peixoto, genro de Getúlio Vargas (MOREL, 1989, p. 43).

Deste modo, é possível afirmar que a revista em guarda para defesa das Américas disseminou a propagação de um discurso hegemônico[1], na cidade de Volta Redonda, durante a construção da CSN?

A revista em pauta almejava impor um determinado comportamento e estilo de vida que os Estados Unidos acreditavam ser o mais desenvolvido e civilizado; sua circulação foi ganhando cada vez mais propósito em difundir valores estadunidenses fundamentais para a modernização e progresso. No discurso proferido por Getúlio Vargas, quando visitava as obras da CSN, em 1943, assim se pronunciou:

> Um marco da nossa civilização, um monumento a atestar a capacidade da nossa gente, um exemplo com tal poder de evidência que afastará quaisquer

1 O Discurso hegemônico refere-se à hegemonia caracterizada por uma combinação da força e consenso que se equilibram, sem que a força supere em muito o consenso, mas antes, que pareça apoiada pelo consenso da maioria, expresso pelos assim chamados órgãos de opinião pública (LIGUORI; VOZA, 2017, p. 44-5).

> dúvidas e apreensões sobre o futuro, instituindo no país um novo padrão de vida e uma nova mentalidade (MOREL, 1989, p.48).

A revista servia como instrumento de legitimação do controle do governo dos Estados Unidos com o objetivo de evitar que o Brasil se alinhasse à Alemanha nazista durante a Segunda Guerra.

O uso da força militar e do poder bélico estadunidense como instrumento de conquista não se enquadrava nos padrões e nas intenções durante aquele contexto, sendo necessária uma ação mais pensada, mas não menos letal. Essa ação foi aceita por outras potências mundiais e, de certa forma, também pelos países alvos dessa conquista.

Assim sendo, tem como objetivos específicos analisar as principais estratégias do governo dos Estados Unidos usadas em diversos setores como os da saúde, educação, comunicação, imprensa para alcançar seu objetivo desenvolvimentista e civilizado. Identificar as principais medidas de coerção adotadas pelos Estados Unidos para a sedução do Brasil naquele período de tempo referido. Demonstrar como essa forma de dominação contribuiu para a hegemonia dos Estados Unidos sobre a América Latina.

NELSON ROCKFELLER: ENTRE A FILANTROPIA E A VIGILÂNCIA

Nelson Aldrich Rockefeller, nascido no dia 8 de julho de 1908, na cidade de Bar Harbor, no Estado de Maine, nos Estados Unidos, foi o 41º Vice-Presidente dos Estados Unidos, e 49º governador de Nova Iorque, do qual permaneceu por quatro mandatos (1959-1973) e líder da ala liberal do Partido Republicano (TOTA, 2000, p.41).A família Rockfeller tinha a tradição evangelista (igreja batista) e atuava nos princípios cristãos missionários, justificando seus atos através do destino manifesto . Acreditavam que seria sua missão levar ao povo o caminho verdadeiro. “Seguindo os mesmos princípios religiosos, os Rockefeller adotaram uma política filantrópica, visando mudar a imagem de suas empresas, conhecidas pela violência no trato com os trabalhadores” (TOTA, 2000, p. 44).

O sentimento revolucionário entre a população soava como ameaça aos interesses norte-americanos; esses interesses eram considerados como uma doença social que deveria ser combatida através de investimentos, donativos e propagandas. Dessa forma, eram enviadas, para a América Latina, missões de cunho religioso e/ou sanitário. Esses missionários atuavam baseados na ética cristã e combatiam a postura antirrevolucionária ao mesmo tempo em que levantavam dados locais.

O Big Stick (porrete grande) tinha como objetivo proteger os interesses econômicos dos Estados Unidos e, para promover esses objetivos, aplicavam a diplomacia do dólar, que consistia em utilizar o seu poder econômico para garantir a concessão de uma série de empréstimos aos países latino-americanos. A ação também gerava uma dependência econômica, dando vantagem para a manipulação de acordos. Posteriormente, tal política foi mudada. “O Governo Roosevelt abandonou a política do Big Stick, tradicionalmente

adotada em relação à região, e adotou a política da boa vizinhança" (CORSI, 1999, p. 52), para barrar a influência alemã.

> O governo Roosevelt, para alcançar esses objetivos, redobrou esforços para neutralizar a influência alemã e as eventuais rebeldias de governos nacionalistas na América Latina. A partir de 1938, a política da boa vizinhança intensificou-se em todos os níveis (CORSI, 1999, p. 91-92).

Graças aos investimentos da iniciativa privada, criou-se uma agência interamericana para atuar em diversos setores. Essas intervenções financeiras tinham por finalidade coordenar os esforços dos Estados Unidos no plano das relações econômicas e culturais com a América Latina. O Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the Americas, foi criado em 16 de agosto de 1940 e entregue a Rockefeller no ano seguinte, a agência mudaria de nome para The Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA) (MOURA, 1984, p. 20). O escritório de Nelson Rockefeller ficou conhecido no Brasil como Birô Interamericano ou, simplesmente Birô, pois passava a compor na sua equipe expressivos grupos econômicos dos EUA, com importantes conexões com a América Latina, entre empresariado e esferas governamentais.

REPENSANDO OS PERIÓDICOS: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

Para analisar a revista Em Guarda: para a defesa das Américas, buscamos o entendimento de Tania Regina de Luca. Para ela, os periódicos são conteúdos informativos impressos (jornais e revistas) que normalmente possuem período de publicação, semanalmente, mensalmente ou anualmente. Esses periódicos carregam consigo uma linha editorial que trata da finalidade do conteúdo expresso e do que deseja despertar nos leitores. Escrever sobre a história da imprensa é escrever sobre a história por meio da imprensa (LUCA, 2008, p. 111).

A partir do surgimento da Escola dos Annales, a concepção do objeto de estudo do historiador passou a ser questionado, e com essa crítica, os estudos sobre a imprensa tornaram-se significativamente relevantes nas décadas finais do século XX. Tais mudanças alteraram a própria concepção de documento.

> Segundo Habermas, a revolução comercial fomentou simultaneamente o trânsito de mercadorias e o trânsito de informações, na medida em que progressivamente a própria informação virou mercadoria. Porém, a publicação sistemática e aberta de informações só se desenvolveu com o surgimento dos periódicos patrocinados direta ou indiretamente pelo Estado. A ascensão da sociedade burguesa na esteira da expansão do capitalismo comercial colocou novos problemas de governo para as autoridades, que rápido descobriram na imprensa nascente um meio de controlar a opinião e exercer o poder (HABERMAS *apud* RÜDIGER, 1998, p. 16).

Dessa forma, os periódicos assumiram o estatuto de documento, que possibilitou ao historiador investigar com mais profundidade os fatos neles relatados. O fato é que,

novos personagens descobriram nessa nova forma de imprensa, um meio muito profícuo de levar a informação, cada vez mais atraente e sedutora, como forma de controlar a opinião do leitor, definindo novos modos de pensar e determinar a vida. Segundo Luca, o historiador deve analisar com objetividade, neutralidade, fidedignidade e credibilidade, livre de qualquer envolvimento pessoal que comprometa o seu objeto de estudo (LUCA, 2008, p. 112).

A partir dessa investigação, foi possível detectar um discurso que retrata as intenções do universo simbólico norte-americano, as representações construídas acerca da América Latina, encarada como um novo oeste a ser domado e civilizado. Igualmente como outras revistas lançadas no Brasil, durante o início da década de 1940, no contexto da política de boa vizinhança arquitetada por Roosevelt.

REVISTA EM GUARDA: PARA A DEFESA DAS AMÉRICAS

A Revista Em Guarda: para a defesa das Américas foi a maior publicação do Department of Press and Publications, que era uma subdivisão do OCIAA. Editada pela Business publishers international Corporation, New York, EUA, foi veiculada em três línguas: francesa, espanhola e portuguesa, entre os anos de 1941 e 1945, distribuída mensalmente e gratuitamente nos comitês regionais (divisões regionais do OCIAA) bem como em associações comerciais. Possuiu uma expressiva tiragem que variou de 80.000 edições no primeiro exemplar a 550.000 nas últimas publicações (LOCASTRE, 2015, p. 490).

Para Tota, o Brasil transformou-se durante a Segunda Guerra numa das prioridades da política externa norte americana, e seu apoio era indispensável para a soberania dos Estados Unidos. Para tanto, foi criada uma agência especial, comandada por Nelson Rockfeller, com objetivo de promover o estreitamento das relações entre americanos e brasileiros, principalmente nos meios de comunicações. Tota afirma que “a agência organizou um verdadeiro bombardeio ideológico no país, divulgando através do rádio, do cinema e das revistas, um mundo atraente de consumo e progresso [...] O american way of life tornava-se irresistível” (TOTA, 2000, contra-capa).

Utilizada pelo Departamento de Segurança dos Estados Unidos na década de 1940, tinha como responsabilidade proteger o território dos EUA e foi responsável pelos projetos da política da boa vizinhança que, através do Escritório de Assuntos Interamericanos (Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs - OCIAA) aplicou a chamada Diplomacia cultural da boa vizinhança (COSTA, 2019, p. 38-39).

Entende-se diplomacia como a ciência, arte e prática das relações internacionais entre Estados. Porém, é necessário fazer uma contextualização de quando, onde e por que foram empregados, uma vez que as relações diplomáticas exercidas pelos Estados Unidos durante a Política de Boa Vizinhança foram desproporcionais. Implementada durante o

governo de Franklin D. Roosevelt, essa estratégia consistia em abandonar a intervenção militar nos países do continente americano, utilizando um poder brando (Soft Power) como forma de aproximação cultural, entre os países Americanos (COSTA, 2019, p. 30).

Coma intenção de construir uma cidade industrial dentro do padrão american way of life e levar um ideal civilizatório, foi colocada em prática toda a estrutura cultural dos Estados Unidos (cinema, rádios e educação) no Brasil. Até a década de 30, éramos vistos como povo selvagem, ou seja, improdutivo. Portanto, era necessário implementar um plano para aproximar, quebrar as resistências e, a Política da Boa Vizinhança era o instrumento de amplo espectro para a execução do plano de americanização (TOTA, 2000, p.19).

Esse periódico continha a promessa de civilizar a população brasileira que, de acordo com os preceitos estabelecidos pela visão de progresso e desenvolvimento dos Estados Unidos, pretendia tornar o Brasil uma potência regional sulista no pós-guerra.

A implantação da grande indústria na região sul do estado do Rio de Janeiro, a CSN foi peça fundamental do projeto hegemônico norte-americano no país. O american way of life se torna a ideologia que deveria ser disseminada

> Mas a década de 40 é notável pela presença cultural maciça dos Estados Unidos, entendendo-se cultura no sentido amplo dos padrões de comportamento, da substância dos veículos de comunicação social, das expressões artísticas e dos modelos de conhecimento técnico e saber científico. O traço comum às mudanças que então ocorriam no Brasil na maneira de ver, sentir, explicar e expressar o mundo era a marcante influência que aquelas mudanças recebiam do american way of life (MOURA, 1984, p. 8).

A construção da CSN serviria para atender o interesse dos Estados Unidos:

> É bem verdade que os Estados Unidos não aceitavam a instalação de indústria pesada em solo latino-americano, mas aceitava o estabelecimento de bens de consumo que substituíssem produtos europeus e asiáticos (mas não os americanos!) por produtos localmente fabricados. Tratava-se de um padrão de industrialização estritamente subordinada aos interesses econômicos americanos, reproduzindo em outro nível a velha complementaridade assimétrica (MOURA, 1984, p. 61-62).

COM HEGEMONIA E AMERICANISMO, GRAMSCI DEFINE O QUADRO TEÓRICO

O termo hegemonia deriva do verbo grego de origem militar *eghemoneuo*, que significa ser guia, conduzir, preceder, estar à frente e comandar (GRUPPI, 2000, p. 1). Esse conceito é proveniente do termo ideologia utilizado por Lênin, do qual o teórico marxista Antônio Gramsci se apropriou (GRUPPI, 1978, p. 1-2). A Hegemonia transforma o modo de pensar e agir de uma sociedade que a partir de suas concepções passa a aceitar uma forma de dominação consentida, com base em um aparato velado onde as posições de influência são exercidas por uma classe ou nação dominante sobre a outra, tendo como

resultado a construção de uma homogeneidade (GRUPPI, 1978, p. 4).

Gramsci trabalhou esse conceito enquanto estudava literatura na cidade de Turim e enquanto esteve no cárcere (1926-1937), sob o regime fascista Italiano de Benito Mussolini. Nascido em 22 de janeiro de 1891, em Ales, Sardenha, na Itália, e de origem humilde, seu modo de vida influenciou sua visão de mundo. Acabou falecendo em 1937, aos 46 anos, decorrente de uma tuberculose.

Durante o processo de industrialização na cidade de Turim, Gramsci observou que algumas das previsões Marxistas não se cumpriram, pois Karl Marx previa que as desvantagens e desigualdades dentro do sistema capitalista seriam as sementes de uma revolução que faria o proletariado se voltar contra a burguesia (GRUPPI, 1978, p. 51-52). Dessa forma, a força é revestida de consenso a serviço da classe dominante, mas uma força de coerção acompanhada de hegemonia. De tal forma, que o próprio proletariado, principal elemento que compõe a classe dominada agiria como defensor da própria ideologia hegemônica e do sistema capitalista. Assim posto, o Estado ampliado demonstra a detenção de poder nas esferas política, econômica, social e cultural. "Quanto mais difundida uma determinada ideologia, mais sólida fica a hegemonia e há menos necessidade do uso de violência explícita" (GRAMSCI, 2002, p. 62-63).

A hegemonia deve ser exercida através da condução da sociedade, da tomada da consciência, na construção de uma nova forma de pensar dos indivíduos, sendo essa muito mais efetiva que a força. Para Gramsci, o aparelho de domínio que favorece a hegemonia não engloba exclusivamente a polícia e os órgãos militares, mas também as igrejas, as escolas, os sindicados e especialmente a comunicação social. Gramsci afirma que a dominação de classe também ocorre culturalmente, pois, as classes subalternas estão sujeitas às ilusões ideológicas perpetradas pela classe dominante.

> As classes sociais, dominadas ou subalternas participam de uma concepção do mundo que lhes é imposta pelas classes dominantes. E a ideologia das classes dominantes corresponde à função histórica delas, e não aos interesses e à função histórica ainda inconsciente das classes subalternas (GRUPPI, 1978, p. 67).

Deste modo a hegemonia está envolta em uma luta constante entre visões de mundo, com base na luta de classes, onde é disseminada a ideologia, valores, ideias e crenças da classe dominante de forma que sejam aceitas e assimiladas como verdades inquestionáveis.

O Americanismo é assumido no modo de produção capitalista contemporâneo por uma dimensão ideológico-cultural ou ético-política, não sendo apenas uma questão produtiva, mas sim implementada em todos os espaços, principalmente nos espaços de formação (LIGUORI, 2009, p. 62). A produção industrial foi muito importante no período da Segunda Guerra. Portanto, o trabalhador industrial passa a ter um papel fundamental pelas suas contribuições nas fábricas. Atuando na ausência de classes numerosas sem

uma função essencial no mundo produtivo. O conceito de um bom cidadão se associa ao senso religioso baseada na história norte americana. A religiosidade (protestante) atua para moldar o cidadão a abdicar de seus prazeres para um melhor modo de se fortalecer e agir, individualmente e economicamente, e sua doação de força, trabalho e tempo para a proteção dos interesses da Nação.

Dessa forma, assume-se dentro da estrutura da sociedade na troca da elite econômica por um novo aparato de acumulação e distribuição do capital, o fim da herança colonial a partir da industrialização, o intercâmbio de profissionais, os empréstimos a outros países, o controle de salário, a religiosidade, a sexualidade e as concepções da vida operária como base na filosofia norte americana (GRAMSCI, 1980, p. 376).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalhou objetivou compreender como a revista em guarda para defesa das Américas disseminou a propagação de um discurso hegemônico, na cidade de Volta Redonda, durante a construção da CSN. O fornecimento de aço, a americanização das pessoas e a posse do continente americano, levaram o governo estadunidense a adotar uma política convidativa e sedutora, com base no consenso, para consolidar suas pretensões ideológicas na América Latina.

A revista em pauta almejava impor um determinado comportamento e estilo de vida que os Estados Unidos acreditavam ser o mais desenvolvido e civilizado. Sua circulação foi ganhando cada vez mais propósito, em difundir valores estadunidenses, fundamentais para a modernização e progresso. A circulação desse periódico, organizado pelo Birô em união com o DIP (Lourival Fontes) legitimou a presença dos ideais norte-americanos no Brasil, durante o período da Segunda Guerra. Esse instrumento serviu de legitimação do controle do governo americano com o objetivo de evitar que o Brasil se alinhasse à Alemanha Nazista.

A Força Militar e o Poder Bélico estadunidense, como instrumentos de conquista, não se enquadravam nos padrões e nas intenções daquele momento, sendo necessária uma ação mais pensada, mais efetiva, mas não menos letal. Essa ação hegemônica foi aceita por outras potências mundiais e, de certa forma, também pelos países alvos dessa conquista.

Portanto, as estratégias americanas foram usadas em diversos setores como os da saúde, educação, comunicação, imprensa para alcançar seu objetivo desenvolvimentista e civilizado. Utilizar a revista, com suas belas imagens e seu discurso velado, foi uma medida de coerção adotada para a sedução do Brasil.

O papel desempenhado por Nelson Rockefeller durante esse processo foi de grande importância para a concretização dos planos norte-americanos. Designado pelo Departamento de Estado, Nelson dirigia o Office apesar de certa resistência de alguns

setores governamentais que não queriam a participação dos empresários em assuntos relacionados à política externa. Contando com a simpatia de Roosevelt, a independência burocrática estatal e grande autonomia para a execução e implementação de projetos, Rockefeller recebeu apoio de poderosos aliados da administração federal. Além de garantir a reeleição de Roosevelt, Rockefeller estreitou as relações nas políticas externas, principalmente nas relações Brasil e EUA, atuando diretamente com auxílio da american way of life na economia e cultura, trazendo um modelo de vida sedutor. A aproximação política entre os países tinha como intenção implementar e desenvolver o capitalismo no Brasil e tirar o país do foco do Nazismo e posteriormente do comunismo. Seu comando não passou despercebido na construção do ideário americano, os programas de cooperação e a solidariedade hemisférica constituíam os Estados Unidos como grande potência.

Esse estudo procurou fazer uma discussão da atuação do Poder Brando como arma de sedução do Big Stick em Volta Redonda sob a ótica da revista em guarda: para a defesa das Américas. A revista Em Guarda foi uma importante fonte de estudos sobre a presença dos Estados Unidos na América Latina. Desvelar as mazelas existentes como supostas verdades, permitiu descortinar uma rica e sólida interpretação sobre acontecimentos históricos.

REFERÊNCIAS

CORSI, Francisco Luiz. **Estado Novo**: política externa e projeto nacional. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

COSTA, Marla Barbosa. **O tributo ao bom vizinho**: a obra de Walt Disney no Brasil durante a Política da Boa Vizinhança. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal da Bahia – UFB. Salvador, 2019.

GALDIOLI, Andreza da Silva. **A cultura Norte-americana como um instrumento do Soft Power dos Estados Unidos:** o caso do Brasil durante a Política da Boa Vizinhança. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – UNESP, UNICAMP e PUC-SP.São Paulo, 2008.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere***.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.5v.

GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o estado moderno**. 4. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de Hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

LIGUORI, Guido e VOZA, Pasquale (orgs). **Dicionário Gramsciano (1926 – 1937).** São Paulo: Boitempo, 2017.

LOCASTRE, Aline Vanessa. As promessas da revista ‘Em Guarda’ para o Brasil no pós-guerra (1941-1945). **Antíteses**, Londrina, v. 8, n. 15, p. 488 - 519, jan./jun. 2015.

LUCA, Tania Regina de. **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

MARINHO, Maria Gabriela S.M.C. **Norte-americanos no Brasil:** uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo, 1934-1952. São Paulo: Autores Associados, 2001.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **A história da imprensa no Brasil**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2012.

MOREL, Regina Lúcia de Moraes. **A ferro e fogo – construção da "família siderúrgica":** o caso de Volta Redonda (1941-1988). Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo – USP. São Paulo,1989.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil:** a penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense, 1984.

PEREIRA, David Vinicius da Silva. **O Estado Novo e o Departamento de Imprensa e Propaganda:** a propaganda política nos anos de 1941 a 1945. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. Nova Iguaçu, 2013.

REIS, Egberto Pereira dos; ROTHEN, José Carlos. Gramsci, as revistas, o intelectual e a educação. **Educação em Revista**, *[S. l.],* n.34, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/sZnr3bm4yK4C7rm63F6GgpL/>. Acesso em: 13 ago. 2021.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo.** 3. ed., Porto Alegre: UFRGS, 2003.

STOODI. **Política do Big Stick**: entenda o que é e sua importância!. São Paulo: Stoodi Ensino e Treinamento a distância, 22 set. 2020. Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/historia/politica-do-big-stick/>. Acesso em: 13 ago. 2021.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a modernização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

______. **O amigo americano:** Nelson Rockefeller e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME - Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/3996555421882005.

ÍNDICE REMISSIVO

A

B

C

D

E

F

G

H

I

L

M

N

P

R

S

T

V

HISTÓRIA POLÍTICA:

Cultura, trabalho e narrativas

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

@atenaeditora

www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

HISTÓRIA POLÍTICA:

Cultura, trabalho e narrativas

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022